

**L P Baçan**

# **HAKAN**

**O Guerreiro da  
Espada Feiticeira**



**HAKAN**

**O GUEREIRO DA ESPADA  
FEITICEIRA**

**L P Baçan**

**Copyright © 2016 L P Baçan**

Todos os direitos reservados. Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido ou usado de qualquer outra forma nem divulgado sem a expressa autorização do autor, exceto o uso de partes para referência ou comentários.

**ISBN 978-1-329-81922-1**

**Lulu Press, Inc.**

**3101 Hillsborough St, Raleigh, NC 27607**

# HAKAN

## O Guerreiro da Espada Feiticeira

Na densa floresta que separava a Planície Árida do Mar da Solidão, um homem caminhava pela trilha, com olhar determinado e passos firmes e constantes. Tinha a mão direita sobre o punho de sua longa espada, presa a suas costas por tiras de couro. Seu olhar estava atento ao caminho a sua frente e todos os seus sentidos se concentravam nos avisos da floresta. Parecia seguir um som, um perfume, uma imagem. Parecia ouvir, a sua frente, um riso alegre de mulher e sentir, na brisa, o perfume inconfundível de sua rainha.

Por seis meses, ele seguira as pistas, deixando uma trilha de cadáveres para trás, marcando sua passagem. Se o seu trono, naquele momento, já havia sido usurpado, não importava. Quando voltasse, ele saberia como recuperá-lo. O que ele queria era apenas chegar ao fim daquela busca. Desde que aquela expedição de caça a escravos profanara o Templo da Lua, levando a Grã-

Mestre do Culto de Baal, sua mulher, ele saía à caça.

De repente, a densa floresta se abriu numa clareira e o perfume de mulher sumiu. O riso que a brisa parecia trazer cessou e apenas o cheiro nauseabundo do couro dos uniformes dos asseclas de Mandakuse permaneceu no ar. Ele estacou, farejando o ar. A mão se mantinha firme na espada. Ele avançou mais alguns passos e parou. Tirou seu cantil e bebeu um demorado trago de água. Iria precisar. Hakan, rei de Mangul, filho de Fryon, sabia o que o esperava. Para ter de volta o perfume e o riso alegre e terno de Selma, ele iria até os confins do Ceol, o inferno governado por Eron, o demônio. Ele respirou fundo e prendeu o ar em seus pulmões. Por instantes, toda a clareira permaneceu em silêncio, até explodir no grito de guerra que estremecia mesmo o mais frio dos inimigos.

Nada impediria Hakan de recuperar sua fêmea.

## **I – E a morte tinha um nome**

Sete guerreiros, com uniformes de couro e armas variadas, surgiram na clareira, diante dele, postando-se num semicírculo que revelava qual seria a estratégia de ataque. Aos poucos eles foram se separando e espalhando-se ao redor do rei de Mangul. Ele deixou cair o cantil, a pele que usava como cobertura e a bainha de sua espada. Depois retirou o arco que trazia a tiracolo, juntamente com o molho de flechas, e o alforje. Abaixou-se lentamente e soltou o fecho que prendia o cabo de uma adaga que levava dentro de sua bota. Estava pronto para o combate.

— Hakan, rei de Mangul, Mandakuse envia-lhe saudações e lhe deseja uma boa estadia no inferno — disse o homem que liderava os guerreiros e todos eles riram.

Apenas Hakan ficou em silêncio e seus olhos acinzentados rebrilhavam, memorizando a posição de cada um de seus oponentes. No momento certo, isso seria importante.

— Não os conheço, mas sou obrigado

a lhes pedir um favor — falou Hakan, com a voz fria e metálica.

Os homens se entreolharam, curiosos.

— Mandem lembranças minhas a Eron, o demônio, assim que chegarem ao Ceol! — pediu ele, recuando um passo e girando o corpo vertiginosamente, com a espada na vertical.

O guerreiro atrás dele mal teve tempo de entender o que se passava. O braço que segurava uma adaga caiu pesadamente no chão, enquanto lâmina da espada de Hakan avançava até o meio de seu peito, cortando costelas e órgãos vitais.

Com a mesma rapidez com que golpeará, Hakan puxou a espada, fazendo o guerreiro oponente desabar sem vida, numa poça de sangue. Os outros guerreiros ainda estavam atônitos, quando Hakan deu um passo para a direita, erguendo a espada acima da cabeça. O guerreiro diante dele ainda levantou sua espada, num gesto defensivo, mas a lâmina mágica da Espada Feiticeira cortou-a como a um graveto, antes de abrir ao meio o crânio do infeliz assecla de Mandakuse.

— Ao ataque! — berrou o líder dos guerreiros, despertando seus homens e

incitando-os.

Um deles, empunhando uma lança, avançou contra Hakan, que se desviou e girou o corpo, alcançando o pescoço de seu agressor. A cabeça decepada voou longe e rolou no meio da relva. O corpo ainda ficou em pé por alguns segundos, antes de estremecer, descontrolado, e desmontar como um saco vazio.

Os quatro guerreiros restantes atacaram o rei ao mesmo tempo. Um deles usava um machado, dois portavam espadas, e um terceiro brandia uma maça. Este foi traspassado pela espada do rei, quando avançou. Hakan ajoelhou-se e estendeu a lâmina afiada. O guerreiro ficou imóvel e seu companheiro se aproveitou do momento para avançar com seu machado. A manobra foi desastrada. Ajoelhado, Hakan sacara a adaga da bota e traçara um semicírculo com ela no ar, à altura da barriga de seu oponente. O guerreiro deixou cair seu machado e pateticamente tentou conter as vísceras que brotavam da ferida aberta em seu estômago.

Hakan rodopiou na relva, depois se pôs em pé num salto, encarando seus dois oponentes. Os homens se entreolharam,

acovardados. Conheciam a fama do rei guerreiro, mas não esperavam tanta frieza e tanta determinação. Naquele momento de hesitação, eles selaram seus destinos. A Espada Feiticeira brilhou, refletindo os raios do sol, enquanto cortava o ar num golpe duplo devastador. Ela desceu sobre o ombro direito do primeiro, cortando até o peito, depois subiu novamente e desceu na mesma posição, atingindo o segundo guerreiro.

Atônitos, eles ficaram encarando a lâmina tinta de sangue por um instante, antes de baixarem os olhos para o peito, onde seus corações expostos ainda batiam. O horror estampou-se em seus olhos e eles encararam a morte face a face.

E a morte tinha um nome: Hakan.

\* \* \*

A noite caía rapidamente. Hakan acendeu a fogueira, depois terminou de esfolar e limpar o coelho que havia caçado. Salgou-o, depois o estendeu numa forquilha verde, acomodando-o sobre as chamas. Cobriu-se com a pele e ficou olhando o fogo crepitar, enquanto a gordura do coelho pingava e um aroma delicioso se espalhava pela clareira.

Pensou em Selma, a sacerdotisa de



Baal, uma guerreira e sua mulher. A saudade era um espinho cravado em seu coração, mas ele não demonstrava emoção alguma. Sabia que Mandakuse não a mataria. Não seria Louco a esse ponto. Conhecia aquele maldito. Seus destinos pareciam estar unidos e, mais uma vez, seu inimigo pretendia atingi-lo no que ele tinha de mais precioso: o amor de Selma. Naqueles seis meses de busca, tivera tempo de refletir sobre a estratégia de seu mortal inimigo. Raptando Selma, Mandakuse fazia Hakan se afastar do reino, abrindo caminho para que sua coroa fosse disputada pelos nobres da corte. Para o rei, isso não importava. Não seria a primeira vez que lutaria para recuperar o trono que Fryon, seu pai, lhe dera.

Sentia que estava próximo. Podia captar no ar a sutileza do perfume de Selma, em meio a todos os aromas da natureza. Mesmo ali, numa terra que não era dele, Hakan sabia se guiar. Com certeza Mandakuse ordenara a seus asseclas que permanecessem em constante movimento, levando Selma de um lado para outro do Reino de Andak, mantendo-o longe de seu próprio reino e tentando matá-lo a qualquer

custo. Arrancou uma perna do coelho e mascarou com gosto a carne tenra. Pensou em Selma e em como se conheceram. Fora num tempo distante, muito distante, quando seu pai ainda nem era rei e Hakan era um jovem senhor de terras, preocupado apenas com sua esposa e seu filho recém-nascido, seu gado e seus cavalos de raça. Pensando nisso, naquele momento, teve a nítida certeza de que tudo aquilo não acontecera com ele.

\* \* \*

Amanhecia nas montanhas ao norte de Mangul. O sol se projetava generosamente nas encostas gramadas, onde pastavam dezenas de cabeças de gado e cavalos, muitos deles selvagens ainda. O barulho inesperado deixou o gado inquieto e assustou os cavalos, que galoparam para longe, enquanto o eco ribombava por entre as elevações rochosas. Hakan acordou sobressaltado com a avalanche. No momento seguinte, o bebê começou a chorar alto, também acordado pelo barulho inesperado.

— Maldito seja, Winkhorn! — gritou, irritado, saltando da cama.

Annah, sua mulher, já acudia o bebê,

tomando-o no colo e tentando acalmá-lo. Hakan saiu para o quintal de sua cabana, olhando os cavalos correndo em debandada, no meio do gado agitado.

— Você precisa ir lá falar com ele, Hakan — falou-lhe Annah. — Se não puder parar com as avalanches, pelo menos que as faça mais tarde, quando o bebê já estiver acordado.

— Esse sujeito é louco, achando que vai encontrar ouro nas terras dele. Devia estar criando cavalos e gado, ao invés dessa loucura. Vai acabar fazendo com que os cavalos se arrebetem de tão loucos que ficam. Vou lá agora mesmo falar com ele — decidiu-se Hakan, vestindo-se e saindo.

Parou, por instantes, no meio do quintal, depois retornou e apanhou espada embainhada e prendendo-a com um cinto.

— Acha que vai precisar disso? — indagou Annah, apreensiva.

— Como eu disse, aquele sujeito é Louco — afirmou Hakan, indo selar seu cavalo.

Momentos depois, galopava na direção do castelo de Winkhorn, um guerreiro aposentado meio doido, que comprara aquelas terras e cismara que encontraria

ouro nelas. Vinha escavando e provocando avalanches nas encostas do cânion havia alguns dias. As vacas leiteiras de Hakan simplesmente pararam de dar leite, após o início da exploração.

Não precisou cavalgar muito. Winkhorn explorava as terras próximas da divisa das duas propriedades. Viu o grupo de homens logo abaixo. Galopou naquela direção, descendo a encosta e avançando pelo cânion. Os homens gritaram e acenaram. Hakan olhou para o alto. Homens brandiam alavancas, enquanto as pedras já rolavam pela encosta, em mais uma avalanche.

— Pelas cobras malditas de Baal! — praguejou ele, detendo seu cavalo e esporeando-o na direção oposta.

Mal havia se afastado, a massa de pedras envolta em poeira despencou, jogando fragmentos de pedra para longe. A poeira demorou a se assentar, dando-lhe tempo de chegar até os homens.

— Diabos! Quase o transformo em farelo — falou Winkhorn.

Junto dele estavam um mineiro e dois homens. Um deles tinha todas as características de um guerreiro mercenário.

Vestia roupas de couro, com um colete de couro, onde se destacavam botões de ouro. Usava um cinturão largo, prendendo a bainha da espada, com cabo de madrepérola. Tinha um gorro de pele, de onde se sobressaía uma pena de águia. Seu olhar era sinistro. Hakan não gostara dele deste a primeira vez que o vira. A antipatia parecia ser recíproca, pois o guerreiro mercenário o encarava com olhos frios.

— Diabos, homem! Não pode começar com essas avalanches um pouco mais tarde? Todos os dias você quase mata meu filho de susto. O bebê não tem três meses ainda.

— Eu sinto muito, Hakan, mas preciso aproveitar todo o tempo de que disponho — falou o homem alto e forte, com a pele rosada, indo apanhar um pouco de chá numa chaleira que mantinha aquecida junto a uma fogueira.

O mineiro reuniu os operários foi preparar nova avalanche. O guerreiro mercenário foi se encostar a uma árvore e, de longe, ficou apenas observando as ações do senhor de terras. Estranhava que Hakan portasse a espada. Jamais o vira armado antes.

— Podíamos fazer um acordo,

Winkhorn. Você começa as avalanches após eu ter tempo de acordar o bebê, amamentá-lo e depois levá-lo para longe. E de levar meu gado para outro pasto.

— Suas terras são enormes, Hakan. Tenho certeza que há ouro nelas também. Por que não as vende para mim? Ou façamos uma sociedade para explorá-las. Nada de gado e cavalos. Vai ficar rico...

— Não, Winkhorn. Não comprei estas terras para ficar rico. Só o fiz para ter sossego e poder criar minha família tranquilamente.

O mineiro fez um sinal de longe. Os homens começaram a usar suas alavancas de metal para derrubar as pedras à beira da encosta. A nova avalanche foi mais forte que a anterior, jogando detritos para o alto. A paisagem, ali, estava totalmente alterada. Quando a poeira novamente se assentou, o mineiro apareceu, trazendo alguns fragmentos de rocha nas mãos.

— Eu disse que estávamos perto — falou.

Engastados no meio das pedras, viam-se pequenos filetes de metal brilhante. Era o minério de ouro. Aquela configuração indicava que, nas imediações, havia um

veio muito rico. A questão ali era saber em que direção estava o veio.

— Eu lamento, vizinho, mas vou ter que incomodá-lo, pelo menos até sabermos em que direção está o veio. Então abriremos ali um túnel e as escavações serão silenciosas, eu lhe prometo.

— Então, prometa-me que só vai iniciar as avalanches uma hora após o sol nascer. É o tempo de que preciso — pediu Hakan.

— Está bem, acho que posso fazer isso — afirmou Winkhorn.

Não fora um resultado satisfatório, mas, para Hakan, já era o bastante. Cedo ou tarde, aquele maluco desistiria daquela bobagem e a paz voltaria às montanhas. Quando foi apanhar seu cavalo, Vacont, o guerreiro mercenário, pôs-se entre ele e o animal.

— Vejo que está usando uma arma — comentou, apontando a espada que pendia da cintura de Hakan. — Sabe usá-la?

— Não, eu a uso apenas como enfeite — respondeu Hakan, encarando o outro sem se impressionar.

— Acha que pode fazer isto? — indagou Vacont, sacando, com extrema

rapidez, uma adaga e arremessando-a contra um galho da árvore mais próxima, cortando-o.

Antes que o galho tocasse o solo, o guerreiro mercenário arremessou uma nova adaga, cortando-o ao meio. Junto à fogueira, Winkhorn olhava com satisfação o desempenho de seu guerreiro.

— Estou impressionado. Você usa muito bem suas adagas — afirmou Hakan, contornando-o para ir apanhar seu cavalo.

— Mostre o que sabe fazer? — provocou Winkhorn.

— Ou talvez ele não saiba nada — zombou Vacont.

— Não carrego uma espada para ficar me exibindo. Uso-a quando encontro cobras ou outros bichos peçonhentos. Então eu a tiro da bainha — falou o senhor de terras, com seriedade, olhando o guerreiro mercenário nos olhos.

Vacont riu zombeteiramente, girando as adagas nas mãos, antes de encaixá-las nas bainhas em seu cinto, num movimento rápido e hábil. Hakan virou-lhes as costas e esporeou seu cavalo. Definitivamente não gostava de Vacont. Winkhorn também não se esforçava para ser simpático. Não via a



hora de terminarem com aquelas explorações.

— E então? — indagou Annah.

— Essas avalanches ainda continuarão por algum tempo. Estive pensando no caminho para cá. Por que não vai para a cidade e fica na casa de sua irmã, até tudo terminar? — sugeriu ele.

— De jeito nenhum, Hakan. Esta é nossa casa e não sairemos daqui assim tão fácil. Se o gado pode suportar essas avalanches, nós também o faremos.

— Não vou nem discutir com você. É mais teimosa que uma mula. Vou buscar aquelas vacas que deixei no vale, junto ao rio. Acho que já estão dando leite e poderão substituir as nossas.

— Vai ter de cavalgar o dia todo para trazê-las aqui.

— Não importa. Precisamos delas. Pode preparar alguma coisa para eu comer no caminho?

— Sim. Fique com o bebê enquanto eu preparo — disse ela, entregando-lhe a criança.

Com o bebê no colo, Hakan caminhou até que toda a beleza daquelas encostas se descortinasse diante dele.

— Veja, Kiron! Daqui até onde a vista alcança, e muitos acres além ainda, é tudo nosso. Vamos enchê-la de gado e de crianças. Cresça logo, case-se e tenha uma porção de filhos. Vamos precisar de toda ajuda possível — comentou ele.

Era muita terra. Os sonhos de Hakan eram grandes também. Tinha a terra que sempre sonhara, uma mulher que o amava e seu primeiro filho. Com o tempo viriam outros. Queria uma família bem numerosa. Queria vê-los cavalgando por aquelas encostas, tornando aquele a mais rica e mais próspera propriedade de Mangul.

Nova avalanche fez o bebê saltar em seu colo.

— Pelas cobras malditas de Baal! — exclamou ele.

O bebê encolheu-se todo e começou a chorar. O senhor de terras foi para o seu castelo, ainda em construção.

— Pobrezinho, Annah! Devia ir para a cidade com ele, até o maldito Winkhorn terminar essa droga de exploração.

— Hakan, já lhe disse uma porção de vezes para não falar palavrões na frente do bebê — repreendeu-o ela.

— Diabos, Annah! Ele nem sabe o que

é isso...

— Mas um dia saberá, se continuar repetindo-o diante dele.

— Está bem — concordou ele, passando o filho para ela e apanhando o alforje que ela havia preparado.

— Se não conseguir chegar antes do escurecer, pare e acampe. Não tente cavalgar no escuro, como fez da última vez.

— Certo, patroa! — brincou, beijando-a e o bebê.

Momentos mais tarde, descia a encosta a galope, enquanto numa taberna infecta de Nagor, a cidade mais próxima de sua propriedade, quatro homens ocupavam uma das mesas ao fundo, debruçando-se sobre os pratos de comida como se aquela fosse sua última refeição. Estavam cobertas de poeira. Haviam cavalgado muito para chegar até ali. Karene, a garota que servia as mesas, aproximou-se, trazendo mais carne requentada. Deixou a travessa na mesa e ficou olhando a maneira desesperada como eles comiam.

— O que está olhando aí, garota?

— Nada. Nunca vi ninguém com tanta fome...

— Culpa do cretino que não calculou a

quantidade de comida necessária. Estamos há dois dias sem comer — disse um deles.

— Eu tenho culpa se vocês comem como cavalos? — defendeu-se aquele que estava sendo acusado.

— De Tandara até aqui é uma longa caminhada, seu idiota. Devia ter pensado nisso — acrescentou outro. — Traga-nos mais pão, garota.

— Está bem — concordou ela, afastando-se para retornar em seguida com outra travessa.

Naquele momento, Vacont entrou no restaurante, com seu ar sinistro de sempre. Examinou o ambiente com os olhos. Viu os homens ao fundo. Esboçou um sorriso de satisfação, enquanto caminhava na direção deles.

— E então, seus bastardos, crias da cadela de Baal! — disse ele, puxando uma cadeira e sentando-se com eles.

— Ei, Vacont, seu filho da mãe. Pensamos que tivesse morrido. Mal pude acreditar, quando recebi seu recado — disse um deles.

— Fizeram boa viagem?

— Exceto por um ou dois percalços, graças a essa besta aí do seu lado —

respondeu o outro.

— Eu já disse que trouxe comida suficiente. Só não esperava que comessem como lobos — defendeu-se de novo o guerreiro.

— Continuam os mesmos. Não se entendem, mas continuam juntos. Fico contente que tenham vindo, guerreiros, pois tenho um serviço rápido para vocês. Rápido e lucrativo.

— Quão rápido e quão lucrativo? — indagou o que os liderava, cujo nome era Destone.

— Trabalho para esta noite mesmo. Quinhentos dinheiros para cada. Vocês partem hoje à noite mesmo.

— Hoje mesmo? Não vemos uma cama há dias... Não durmo com uma garota há mais de uma semana... Vacont, podemos partir amanhã cedinho... — falou o guerreiro chamado Jonders.

— Com quinhentos dinheiros no bolso poderá dormir com muitas garotas, quando estiver de volta a Tandara, Jonders.

— Até com duas de cada vez, se aguentar com elas — zombou o sisudo Grubock.

— Essa foi boa, Grubock! — riu

Lucomb, o caolho.

— Chega de palhaçadas, guerreiros. Vamos falar sério com Vacont agora — repreendeu-os Destone. — O que vamos ter que fazer para merecer essa grana, Vacont?

— Fácil! Nas montanhas, ao norte daqui, há um castelo em construção, dominando boa parte das encostas e vales. O dono é um maluco que veio ninguém sabe de onde. Vocês só têm que ir até lá e matá-lo, juntamente com a família dele.

— Só isso? — indagou Jonders.

— Sim, só isso. Se quiserem saquear a casa, tudo bem. Se quiserem se divertir com a mulher dele, não me importo. Só quero que partam na mesma noite e tratem de despistar ao máximo. Da mesma maneira como chegaram, vocês vão sair. Seria prudente, inclusive, que não ficassem na cidade, que seguissem em frente, dando a entender que apenas estavam de passagem. Entendido?

— Certo. E quando receberemos o dinheiro?

— Agora mesmo. Aqui nesta sacola está o dinheiro e o mapa da região. A casa está assinalada. Não há como errar. Vão lá após o escurecer. Lembre-se: não deixem

pistas. Entendido?

— Entendido, Vacont. Sem testemunhas e sem pistas, não é?

— Exatamente. Até a próxima vez, guerreiros. Quando eu ficar rico, mando buscá-los para trabalharem para mim — prometeu Vacont, retirando-se.

Assim que o guerreiro mercenário saiu da taberna, Destone abriu a sacola. Havia moedas de ouro e prata lá dentro.

— Por Baal! — exclamou Jonders e os homens se entreolharam com satisfação.

## **II – Silêncio repentino!**

Entardecia. Hakan tentava apressar as vacas e os bezerros que conduzia, mas não conseguia. Os pequenos animais paravam a todo momento, cansados, enquanto as vacas, com as tetas pesadas de leite, não conseguiam caminhar mais depressa.

— Pelas cobras malditas de Baal! — praguejou, olhando o céu.

Não conseguiria chegar antes do escurecer. Subir aquelas encostas era um

esforço adicional para aqueles animais e ele se convenceu que forçá-los era inútil. Teria que acampar e passar a noite em algum ponto. Na manhã seguinte retomaria a jornada. Escolheu um vale estreito entre duas encostas com um regato que brotava límpido e fresco das pedras. A pastagem era boa e a água suficiente. Acendeu uma fogueira, depois foi apanhar o alforje onde Annah havia posto a comida e os utensílios de cozinha: a frigideira e a chaleira. Trouxe também o cobertor grosso de lã, suficiente para forrar a relva e cobri-lo. Enquanto a fogueira começava a arder, foi retirar a sela do cavalo e preparar a cama para aquela noite.

Não gostava de ficar longe do castelo nem de Annah e do bebê embora isso, às vezes, fosse necessário. Tinha um trabalho a fazer ali. Era muita terra, talvez mais do que realmente precisasse, mas Hakan empregara nela todo o dinheiro sangrento que ganhara naqueles dez anos como guerreiro no exército de Fryon, seu pai. Era algo que nem Annah sabia. Por muito tempo, antes de conhecê-la, Hakan havia cavalgado por toda a Terra entre saques e pilhagens. Era um trabalho nojento, mas era o que sabia



fazer. Aprendera muito cedo a usar as armas de um guerreiro. Agora, depois que se casara e comprara aquela propriedade, não voltara mais a usá-las. Guardava as suas porque sabia que cruzaria com serpentes e ursos naquelas montanhas. Desde os doze anos se habituara ao peso de uma arma em seus quadris. Era difícil livrar-se disso agora. Levava sempre consigo a Espada Feiticeira, feita do aço de uma estrela cadente, um arco com trinta flechas, uma ponta de lança e, eventualmente, uma maça de guerra.

— Pelas cobras malditas de Baal! — murmurou ele, quando tentou se lembrar de quantos homens matara.

Havia sido um bom número deles.

\* \* \*

Quando percebeu que o sol se escondia lentamente, Annah entendeu que Hakan não conseguiria chegar a tempo. Torceu para que ele não bancasse o cabeça-dura e acampasse, evitando cavalgar à noite. Estava concentrada em seus afazeres, quando ouviu o cachorro latir. Ao sair à janela para olhar, viu um cavaleiro que se aproximava, vindo da cidade. Mesmo naquela distância, podia deduzir que era

Yonny, seu irmão, por isso foi buscar o bebê e esperá-lo diante do castelo. Yonny adorava o sobrinho.

— Ei, Kiron! — gritou de longe o cavaleiro e o nenê se agitou nos braços da mãe.

Os dois sempre faziam muita festa juntos. Era incrível como o pequeno Kiron reconhecia a voz do tio. Yonny saltou do cavalo agilmente. Trazia algo nas mãos. Era um brinquedo de chocalho que agitou diante dos olhos brilhantes e vivazes do bebê. Pegou-o no colo e brincou com ele sob o olhar enternecido de Annah.

— Cadê o Hakan?

— Foi ao vale buscar umas vacas leiteiras. Nosso vizinho anda provocando avalanches e o barulho fez com que as vacas leiteiras parassem de dar leite.

— O que ele anda procurando?

— Disse que há ouro em suas terras...

— E pode estar certo — afirmou o guerreiro. — Pelo menos é o que comentam na cidade. Acho que o Hakan podia fazer algumas pesquisas também. Ouro é mais lucrativo do que cavalos e gado...

— Tente sugerir isso a ele.

— Ele tem muita terra aqui. Mesmo

que explore uma mina de ouro, sobrar  espço para os cavalos e o gado.

— Hakan não comprou isto aqui para ter lucro ou ficar rico. Quer apenas o suficiente para nós. De qualquer modo, se houver ouro por aqui, ficará para nossos filhos ou nossos netos. Eles poderão decidir o que fazer.

— Muito esquisito esse meu cunhado — comentou Yonny, brincando sempre com o beb . — Foi preciso muito dinheiro para comprar estas terras. Sabe como ele o conseguiu?

— Hakan sempre me disse que herdou de um tio. Sempre achei desagradável comentar o assunto. Mas deixemos isso para lá. Vai passar a noite aqui, não?

— Sim, claro. Vim para ficar alguns dias. Talvez ajude Hakan a construir uma parte do castelo. Ele bem que podia arrendar parte das terras. Teria servos para ajudá-lo e mulheres para fazer o trabalho de casa em seu lugar.

— Com o tempo ele fará isso. D  tempo ao tempo. Hakan ainda não percebeu o que é ser um legítimo senhor de terras. Vamos entrando agora. Vou preparar um assado para nós. Acho que Hakan não

voltará esta noite.

Entraram. Enquanto conversavam, Annah preparava o jantar. Tudo era tranquilidade ali. Então o cachorro começou a latir.

— Deve ser o Hakan chegando — comentou Annah.

— Vou dar uma olhada — falou Yonny, saindo à porta da cabana e olhando ao redor.

O cachorro latia, voltado para a trilha que vinha da cidade.

— Acho que meu cavalo o está incomodando. Vou soltá-lo no curral — falou Yonny, entrando e depositando o bebê no berço.

O cão ganiu e parou de latir. Aquele silêncio repentino fez com que os dois irmãos se entreolhassem.

— Yonny! — murmurou ela incomodada.

— Fique com o bebê. Vou ver o que está havendo — disse ele, sacando sua espada.

Havia deixado a porta aberta. Quando caminhou na direção dela, um homem surgiu a sua frente. Segurava uma besta armada. Tomado de surpresa, Yonny nem

teve tempo de reagir. O disparo da seta o sobressaltou, ao mesmo tempo em que se via atirado para trás sobre a mesa. Seu peito se cobriu de sangue. O bebê gritou assustado. Annah correu até ele, apanhando-o e protegendo-o em seus braços. Seus olhos estavam fixos na porta, onde um a um aqueles quatro homens, vestindo peles empoeiradas, foram entrando e olhando-a com ar sinistro.

— Vão embora daqui! — gritou, tentando correr para o quarto.

Jonders se antecipou a ela, barrando-lhe a passagem.

— Deixem-nos em paz... Vão embora! — gritou ela novamente.

— Moça, é melhor deixar o bebê no berço. Temos coisas a resolver — falou Destone, apontando-lhe a besta.

— Quem são vocês... O que querem aqui?

— Apenas conversar...

Lucomb e Grubock apanharam o cadáver de Yonny, atirando-o lá fora, ante o olhar horrorizado de Annah. Percebeu que seu filho corria perigo, ficando com ela. Lentamente foi até o berço e depositou ali o bebê que ainda chorava.

— Faça o bebê ficar quieto, Jonders. Você sempre teve muito jeito com crianças — ordenou Destone.

— Deixe comigo, Destone — falou o guerreiro, indo até lá.

Annah estava em seu caminho. Ele a segurou pelo braço e puxou-a, jogando-a para cima de Lucomb, que a agarrou pelo pescoço e a obrigou a olhar. Jonders ergueu com uma das mãos o bebê que esperneava e chorava. Annah se debateu, tentando ir em auxílio do filho. Sem que pudesse fazer nada para impedi-lo, viu Jonders sacar uma faca e simplesmente cortar a garganta do bebê, que parou imediatamente de chorar, debateu-se mais um pouco na mão dele, depois se imobilizou, banhado de sangue. O assassino o depositou de volta no berço e cobriu seu corpo.

— Pronto, Destone. Problema resolvido — afirmou ele com seu ar quase demente e as mãos sujas de sangue.

— Maldito bastardo! — gemeu Annah, com a força de uma fera, livrando-se do braço que a prendia e avançando contra Jonders.

De passagem pela mesa, ela apanhou uma faca de cozinha e cravou-a

violentamente no ombro esquerdo do guerreiro mercenário. A lâmina, com a violência do golpe, enterrou-se até o cabo. Não satisfeita, ela o agarrou pelo rosto e suas unhas traçaram sulcos profundos na pele dele. Jonders urrou de dor, recuando, enquanto Grubock e Lucomb agarravam Annah, imobilizando-a.

— É uma gata selvagem. Vamos nos divertir muito com ela — comentou Destone.

— Prefiro morrer — gritou ela, tentando chutá-lo.

Destone se desviou e, no momento seguinte, esmurrou-a no queixo com força, atordoando-a. Sacou a faca, enquanto Jonders, apoiado na parede, olhava o sangue que escorria lentamente do local onde a faca estava cravada.

— Destone, ela me acertou. Maldição! Estou ferido... — gemeu o guerreiro, segurando o cabo da faca e tentando tirá-la.

A dor foi lancinante. Ele tentou mover o braço esquerdo, mas estava paralisado. O sangue continuava brotando, lento e constante. Ele puxou a toalha da mesa e pôs em cima.

— Segurem-na! — ordenou Destone,

tirando o cinto.

Com sua faca ele cortou as roupas de Annah, despindo-a. Depois, abaixou suas calças. Os outros sorriam de satisfação, esperando a sua vez. Até Jonders se esqueceu do ferimento para observar o corpo nu e desejável da mulher.

\* \* \*

Naquele dia, Winkhorn não foi para a montanha. Quando o sol se firmava no céu, anunciando mais um dia radiante, ele se preparava para sair.

— Aonde vai agora? — indagou-lhe Vacont, surpreso.

— Vou até o castelo de Hakan. Fique e cuide do homens. Quero mais algumas explorações hoje naquela direção que tomamos ontem.

— Cuidarei de tudo — falou o guerreiro mercenário.

Winkhorn esporeou seu cavalo, afastando-se. O sol forte jogava luz e cores naquelas encostas verdejantes. Enquanto cavalgava, ele imaginava a fortuna em minério de ouro que poderia existir sob os cascos do cavalo. Sabia que estava no caminho certo agora. Encontrar aquele veio de ouro fora um sonho, desde que havia



passado por ali, certa vez, e analisado a composição do terreno. O que ninguém sabia era que Winkhorn havia sido o guarda-costas de um mago alquimista, especialista em exploração de ouro, aprendendo muito sobre o assunto. Havia percorrido alguns locais de Mangul, onde sabia que o terreno era propício à existência do metal. Assim, seu grande sonho sempre fora reunir algum dinheiro e comprar um pouco daquelas terras ainda baratas. O ouro o deixaria rico.

Teve sorte, pilhando gado. Foi quando conheceu Vacont, que contratou para ser seu mercenário. Agora só precisava de um pouco mais de tempo para atingir seu objetivo. Aproximava-se do castelo de Hakan. Estava tudo quieto. O cachorro não latiu e logo ele descobriu o motivo. O animal estava deitado diante da casa com a garganta cortada. Logo à frente, estendido, estava o corpo de um homem. Winkhorn desceu do cavalo e correu examiná-lo. Surpreendeu-se ao perceber que se tratava do irmão de Annah. Entrou na cabana. O fogo estava apagado. Sobre a mesa, nua e com a garganta cortada, estava o corpo de Annah. Percebia-se que fora barbarizada

antes da morte. Lembrou-se do bebê. Viu a cabecinha no berço. Aproximou-se. O bebê estava imóvel. Levantou o cobertor.

— Oh, Baal! — murmurou ele, horrorizado com a terrível cena.

Recuou na direção da porta. Ouviu barulho. Virou-se naquela direção. Hakan acabava de chegar. Ao ver o cachorro morto e o corpo de Yonny, ficou alucinado. Saltou do cavalo e correu na direção da casa. Winkhorn estava pálido, olhando-o atonitamente. Quando Hakan se aproximou, segurou-o pelo braço.

— Não entre lá, vizinho! — disse.

— Por quê? — quis saber o senhor de terras, olhando o cachorro e o corpo de Yonny.

— Não é algo agradável de ver e...

Hakan não esperou que ele terminasse. Livrou-se com um safanão e entrou na casa.

— Annah! Kiron! — chamou ele, imobilizando-se como se tivesse levado uma pancada no estômago ao ver o corpo de Annah sobre a mesa. — Oh, não, Baal! Não! — berrou em seguida, abraçando a mulher.

Seus olhos, então, se dirigiram para o berço. A visão do bebê com a garganta

cortada o deixou enlouquecido.

### **III – À beira da loucura**

Quando cravou a estaca na sepultura de Annah, Hakan deixou ali também toda a sua dor de pai e marido. Estivera à beira da loucura naqueles momentos dolorosos. Agora, estava insensível, tão insensível quanto costumava ficar quando entrava numa batalha. Não importava nada, além do oponente que tinha pela frente. Winkhorn estivera todo o tempo com ele, lamentando a tragédia, oferecendo sua ajuda. Juntos cavaram os túmulos. Juntos haviam sepultado os três corpos.

— E agora, vizinho, o que pretende fazer?

— Ainda não sei — respondeu Hakan, mas em sua mente começava a se definir tudo que teria de fazer.

— Olhe, se decidir ficar, conte com a minha ajuda. Se preferir vender as terras, eu as compro. Tenho certeza que há ouro nelas...

— Não as venderei, Winkhorn. Nada mudou para mim. Minha esposa e meu filho morreram por causa dessas terras. Annah dizia que aqui era seu lugar e que não sairia daqui... Acho que, no fim, tudo aconteceu como ela queria.

Winkhorn se despediu e se afastou a galope, consternado. Hakan ficou algum tempo olhando as três estacas onde os nomes de seus parentes haviam sido talhados a faca. Fora tudo um delicioso sonho para ele, um maldito guerreiro mercenário. Tudo aquilo talvez fosse o castigo por tantos homens que matara e que mandara para o Ceol. Sabia, no entanto, que não havia encerrado sua carreira de guerreiro. Mesmo que o tivesse desejado um dia, alguém aparecera para lhe mostrar que, para um homem como ele, a paz e a tranquilidade de uma família eram um sonho inatingível.

Caminhou ao redor do castelo, observando o terreno. Não tinha dúvidas quanto ao número de assassinos. Eram quatro. As marcas eram bem evidentes no chão. Vieram da cidade. Deixaram os cavalos um pouco afastados. Um deles se adiantara e matara o cachorro, que estava

preso a uma corda. Depois entraram na casa, matando Yonny. Mataram depois o bebê. Abusaram de Annah, depois lhe cortaram a garganta. A faca de cozinha jogada num canto, manchada de sangue, dava a entender que Annah ferira um deles. Os pedaços de pele e carne sob suas unhas indicavam que ela resistira até ser dominada. Quatro homens haviam estado ali e haviam destruído todos os seus sonhos mais queridos.

Apanhou suas armas. Reforçou seu alforje com mantimentos, depois trancou a casa. Deu uma última olhada na direção das sepulturas, depois se pôs a caminho. Deixava para trás o senhor de terras pacato que fora. Voltava a ser Hakan, o Senhor da Espada Feiticeira, o pior e mais perverso mercenário de Mangul.

\* \* \*

O grupo havia cavalgado toda a noite e a manhã inteira. Evitaram a cidade de Beliar e tomaram a trilha para Abuquer. Ali poderiam tomar um barco e descer o Rio Lion até Cresus, no planalto central, antes de Pales, onde tomariam a trilha para Tandara, finalmente, no sul de Mangul. Agora tinham dinheiro para isso e a viagem

de volta poderia ser mais confortável que a de ida. A única coisa que os incomodava, no entanto, eram os gemidos e reclamações de Jonders, cuja ferida não parava de sangrar.

— Estamos próximos da cidade — comentou Lucomb. — Poderíamos deixá-lo com um curandeiro. Quando sarar, irá embora.

— Jonders não conseguiria dar um passo sozinho, vocês o conhecem. Se o deixarmos para trás, em pouco tempo teria espalhado para todo mundo o que fizemos. Se vamos levá-lo a um curandeiro, teremos de ir junto — falou Destone.

— Ele vai nos atrasar. Além disso, já perdeu tanto sangue que nem sei como se aguenta ainda — observou Grubock.

— Entramos nisso juntos e vamos sair juntos. Não precisamos ter tanta pressa. Ninguém nos perseguirá pelo que fizemos. Levará tempo até que alguém descubra o que aconteceu naquele castelo.

— Por que será que Vacont queria aquela família morta? — perguntou Lucomb.

— Como vou saber? A questão agora é cuidarmos do Jonders antes que ele morra

— observou Destone.

— Vai ser difícil explicar o que aconteceu com ele, com a cara marcada desse jeito pelas unhas da mulher — falou Lucomb.

— Diremos que ele brigou com uma garota num bordel e que ela lhe fez isso. Não será problema. Poderemos descansar um pouco também. Estamos cavalgando direto há muitos dias.

Nesse detalhe, Lucomb e Grubock concordaram. Quando a Jonders, a ideia deles era deixá-lo para trás com a garganta cortada. Afinal, ele tinha quinhentos dinheiros no bolso que, divididos, engrossariam o prêmio de cada um pelo trabalho feito.

Chegaram a Beliar no fim da manhã. Enquanto Destone levava Jonders até o curandeiro, Lucomb e Grubock foram para a taberna.

— Ele está muito fraco. Precisa de repouso e uma boa alimentação para recuperar-se — avisou o curandeiro.

— Em quanto tempo poderá voltar a cavalgar? Temos de seguir viagem — indagou Destone.

— Não antes de três dias, mesmo

assim correrá o risco de abrir novamente o ferimento.

Destone pagou e ajudou Jonders chegar até a taberna.

— Eu posso cavalgar, Destone. Aguentei até aqui, não? Fiquei firme na sela, não fiquei? Não vou cair. Podemos seguir em frente.

— Não seja tolo, Jonders. Você teve sorte de não ter morrido. Perdeu muito sangue. Agora terá de repousar. Vai ficar na estalagem e se alimentar até que fique bom de novo para cavalgar.

— Pode deixar, Destone. Eu ficarei bem. Vocês podem ir na frente. Só me arrumem dinheiro, um quarto, uma garrafa e uma garota para cuidar de mim. Garanto que não irei embora enquanto não me sentir muito bem.

— Vai gastar todo o seu dinheiro com garotas e bebida. Não conseguirá ir embora depois...

— Ora, Destone, não sou criança. Posso cuidar de mim. Não quero retardá-los ou prendê-los aqui. Vão em frente. Só faça o que estou lhe pedindo, nada mais.

— Está bem. Só que vou levar uma parte do seu dinheiro. Deixarei uma



passagem de barco comprada para você, em Abuquer. Assim saberei que chegará bem.

— Tudo que você quiser, Destone — concordou o guerreiro.

\* \* \*

Hakan sabia que os homens que haviam atacado sua família eram de fora, talvez vagabundos ou viajantes. Estranhou que tivessem vindo da cidade, feito aquela barbaridade, depois retornado quase que pelo mesmo caminho, apenas desviando-se da cidade e tomando a trilha para Beliar. Dali para frente, tudo era palpite. Eles podiam apenas estar despistando, para poder retornar a Nagor. Ou então, poderiam estar indo para qualquer direção. As pistas se confundiam naquela trilha em meio a tantas outras que vinham ou retornavam de Beliar. Por isso parou ali, naquele ponto, pensando. Se a intenção deles fosse apenas despistar para retornar depois, haviam avançado demais. Poderiam ter feito isso antes, em terreno rochoso, onde as pegadas haviam sumido por um bom trecho, antes de serem novamente encontradas por ele.

— Pelas cobras malditas de Baal! — murmurou ele. — Foram mesmo para Beliar — concluiu, esporeando seu cavalo.

Aqueles homens tinham muitas horas de dianteira. Estavam rumando para um lugar definido. Se descobrisse para onde iam, tudo se tornaria mais fácil, pois poderia antecipar suas ações. Daquela forma, tinha de jogar no escuro. Isso, no entanto, longe de incomodá-lo, funcionava mais como um desafio. Tinha todo o tempo do mundo e uma motivação especial. Matar aqueles homens era uma questão pessoal. Jamais lutara com essa motivação antes, por isso policiava-se, tentando se manter mais frio do que normalmente seria. Não podia deixar sua emoção prevalecerem.

Chegou a Beliar no final da tarde. Se um daqueles homens estava ferido, com certeza teria ido procurar um curandeiro. Hakan fez o mesmo.

— Sim, atendi um guerreiro hoje, no final da manhã, com um ferimento a faca no ombro... — lembrou-se o curandeiro.

— Ele disse o que provocou o ferimento?

— Sim, o amigo que o acompanhava disse que foi numa briga com uma garota de bordel...

— Ele estava com um amigo? Só um? Não eram quatro?

— Não — afirmou o curandeiro com convicção. — Vieram apenas dois. Recomendei, inclusive, que o guerreiro ferido ficasse em repouso e se alimentasse bem. Não estava em condições de viajar. Acho que foram para a taberna em seguida. É o único lugar que aluga quartos aqui.

Hakan ia sair, quando o curandeiro resolveu fazer mais uma pergunta.

— Você conhece a garota? Deve ser uma gata muito feroz. Além de esfaqueá-lo, arrancou-lhe o couro do rosto com as unhas.

Um frêmito de indignação percorreu o corpo do guerreiro mercenário. Devia ser um dos bastardos que haviam atacado Annah e barbarizado com ela. Agradeceu. Deixou seu cavalo amarrado numa árvore e caminhou lentamente na direção da taberna. Havia pouco movimento nas ruas. Diante da taberna, apenas dois cavalos amarrados. Lembrou-se do que o curandeiro dissera a respeito de serem apenas dois os homens que estiveram lá. Poderia estar atrás de uma pista falsa. Mesmo assim, aproximou-se cuidadosamente da porta. Antes de entrar, sondou o interior.

Havia apenas dois homens bebendo, encostados no balcão. Nenhum deles estava

ferido. Entrou e dirigiu-se ao balcão.

— O que vai ser, forasteiro? —  
indagou-lhe o dono do local.

— Vinho.

O homem o serviu rapidamente.

— Parece cansado, homem. Cavalgou o dia todo? Se quiser um banho, uma refeição, um quarto e uma mulher, temos tudo aqui.

— Acho que vou precisar de tudo isso, nessa ordem, exceto a mulher — respondeu Hakan.

Os dois homens ao lado riram sem encará-lo. O homem atrás do balcão também se segurou para não rir. Hakan o fuzilou com seu olhar mais glacial.

— Acho que posso providenciar tudo isso, senhor — respondeu, tornando-se sério.

— Procuo quatro homens. Devem ter passado por aqui no final da manhã ou no começo da tarde — disse ele.

— Não me lembro de ter visto quatro forasteiros. Viram esses homens, guerreiros? — indagou aos homens que bebiam ao lado.

Uma garota estava limpando as canecas e arrumando-as na prateleira, atrás

do balcão. Parou e voltou-se para encarar Hakan.

— Eu vi quatro sujeitos assim aqui na taberna na hora do almoço. Entre eles estava aquele guerreiro ferido, o que alugou o quarto de Ella. Os dois estão juntos lá em cima — falou ela.

— Quem está com eles?

— Apenas os dois. Os três amigos dele foram embora.

— Para onde?

— Não sei.

— Em que quarto estão?

— No fim do corredor, à direita.

Os homens acompanharam os passos firmes e decididos de Hakan, subindo a escada até o corredor no alto. Caminhou, então, até o fim, parando diante da porta. Não sabia o que encontraria pela frente, mas sabia como enfrentar uma situação como aquelas. Não era diferente de muitas que enfrentara antes. Sacou a espada, preparando-se. Em seguida, meteu o pé na porta, bem em cima do trinco. Com um estrondo, a porta se abriu até o fim, indo bater na parede ao lado. Na cama, Jonders se assustou ao ver aquele homem entrar com a espada apontada para ele. A garota

nua que estava ao seu lado pulou para um canto, enrolando-se num roupão.

— O que está havendo aqui? — indagou ela assustada.

Jonders olhava para a bainha de sua espada que pendia ao lado de sua cabeça, presa na cabeceira da cama.

— Quem é você? O que pensa que está fazendo aqui? — indagou o guerreiro mercenário, assustado também.

Hakan se aproximou, apanhou o cinturão do outro e jogou-o na direção da porta. Olhou o ferimento no ombro de Jonders.

— Onde conseguiu esse ferimento? — indagou.

— Uma mulher, num bordel, fez isso...

— Que mulher? Em que bordel?

— Por que quer saber? — retrucou o guerreiro.

Hakan se inclinou sobre ele como se fosse lhe dizer alguma coisa. Ao invés disso, a ponta da espada atingiu o ombro ferido do guerreiro, que urrou de dor. O sangue começou a escorrer para o peito dele, enquanto se encolhia contra a cabeceira. Hakan o fez se sentar com as costas apoiadas contra a cabeceira. Jonders

tentava fazer parar o sangue que escorria da ferida.

— Não pode fazer isso — falou a garota, vestindo-se.

— Este bastardo e mais três amigos atacaram meu castelo ontem à noite. Mataram meu cunhado, estupraram e mataram minha mulher e cortaram a garganta de um bebê de três meses. Acha que não tenho o direito de fazer o mesmo com ele?

— Eu não fiz nada disso — defendeu-se Jonders, mas a garota o olhava agora aterrorizada, sentindo-se enojada por ter estado com um assassino frio e impiedoso como ele.

Ela correu na direção da porta, mas, antes de chegar lá, vomitou todo o seu asco. Ficou apoiada ao batente da porta, enquanto seu corpo se abalava repetidas vezes.

— Agora, só nós dois — falou-lhe Hakan, olhando-o com profundo ódio.

Jonders viu a morte estampada nos olhos daquele homem diante dele. Eram olhos frios e cruéis, que vasculhavam sua alma.

— Você tem que acreditar em mim... Não fiz nada... Ela me atacou... Eu estava

ferido... Não podia fazer nada com ela...

— E estas marcas em sua cara? Por que ela as fez?

— Eu só tentei segurá-la...

Novamente a ponta da espada atingiu Jonders, desta vez na testa, com força. Um filete de sangue desceu pelo rosto dele.

— Vamos por parte, seu covarde. Antes de mais nada, quero saber os nomes de seus amigos e para onde eles foram.

— É melhor ficar quieto aí mesmo, forasteiro. Aqui quem faz as perguntas sou eu — falou o homem parado na porta, apontando uma besta na sua direção.

Hakan virou-se e encarou o dono da taberna.

— Este homem esteve em meu castelo ontem à noite, juntamente com três outros amigos, e matou minha mulher, meu filho e meu cunhado...

— É mentira. Nunca estive antes em Nagor...

— Como sabe de onde sou? — indagou-lhe Hakan.

— Você disse — afirmou Jonders.

— Não, ele não disse de onde era. Acredito que esse sujeito seja mesmo um assassino... Olhe o rosto dele... Apenas uma



mulher desesperada faria algo como aquilo — acusou-o a garota.

O taberneiro se voltou na direção de Jonders.

— É verdade o que ele está dizendo? — indagou-lhe.

— É mentira. Jamais o vi em toda a minha vida... Nem estive em seu castelo... Nem sei onde é...

— Pergunte-lhe como conseguiu aquele ferimento no ombro e aqueles riscos na cara — falou Hakan.

— Foi uma prostituta de um bordel...

— Que bordel?

— Eu não me lembro — confundiu-se o guerreiro.

O taberneiro foi até ele. O ferimento continuava sangrando. Jonders estava bem pálido já, tanto pela perda de sangue quanto pela incômoda situação em que se encontrava.

— Guerreiro, conheço homens como aquele ali. Posso jurar que ele não mentiria sobre um assunto como esse. Vou deixá-lo arrancar sua língua se for preciso. Aconselho você a ser inteligente e contar o que sabe. Caso contrário, vai se dar muito mal mesmo.

Jonders pensou por instantes. Sabia que comprometeria seus amigos, se contasse. Destone havia recomendado que, caso alguma coisa acontecesse, que procurasse mentir e negar sempre. Era o que pretendia fazer.

— Estou falando a verdade — afirmou, então. Tem que me ajudar, taberneiro. Ele vai me matar...

— Por que ele o mataria? — insistiu o taberneiro.

— Por causa da mulher...

— Você fez alguma coisa a ela?

— Não, eu não, mas...

O taberneiro voltou a se inclinar sobre Jonders.

— Guerreiro, não posso impedir aquele homem de matá-lo. O melhor a fazer ainda é confessar. Por que não nos conta tudo? Eu lhe garanto proteção e ajuda se fizer isso.

Jonders estava confuso. Não podia incriminar seus amigos. Seria morto por eles. Mas estava muito fraco. O sangue continuava minando de seu ferimento. O taberneiro não pensou por muito tempo.

— Pode pegá-lo! — disse, finalmente.

— Muito bem, seu maldito! — falou-

lhe Hakan. — Quem eram eles? Para onde estão indo?

Jonders abriu os olhos sem brilho, encarando-o.

— Sabe, eu menti para você... — murmurou ele.

— Quem eram eles, maldição?

— Eu fui o último com ela. Estava quente. Nem se debatia mais... Depois... Depois sabe o que fiz?

— Cale-se — ordenou Hakan, torturado, sacando a adaga e encostando a lâmina na garganta do guerreiro.

— Depois eu fiz com ela o mesmo que fiz com o bebê. Cortei a garganta dele com esta faca — falou, puxando a faca que trazia oculta em sua bota, só que estava muito fraco para qualquer ataque.

Hakan lhe tomou a arma e posicionou-a na garganta dele.

— Está bem, bastardo. Talvez goste um pouco de seu próprio remédio — disse, começando a cortar.

Jonders continuou rindo, olhando pateticamente para ele.

— Maldito! — berrou Hakan, empurrando a faca com toda força, depois a fazendo correr pela garganta de Jonders.

O corte nem chegou a sangrar muito. Ele ficou ali, o corpo estremeando, os olhos esbugalhados e um arremedo de riso borbulhando em sua goela cortada. Hakan se levantou e caminhou de um lado para outro, desesperado. Jonders havia sido sua única esperança, sua única pista. Precisava saber para onde os outros haviam se dirigido. Revistou suas roupas. Depois a bainha de sua espada, tentando achar alguma pista, alguma indicação que denunciasse o destino daqueles homens. No couro da bainha havia uma marca que ele reconhecia. Era de um artesão de Tandara, no oeste.

— Tandara! — murmurou Hakan, sem entender.

Por que alguém viria de tão longe apenas para matar sua família? Imaginou que caminho poderiam ter tomado. O mais comum seria ir na direção de Abuquer. Chegando ao Rio Lion, apanhar um dos barcos que desciam até Cresus, numa viagem mais rápida e menos cansativa para homens e animais. De Cresus era só seguir a trilha direto até Tandara, onde chegariam após alguns dias de viagem. Revistou as roupas de Jonders e retirou o dinheiro que

encontrou. Deixou algum com o taberneiro para que sepultasse o mercenário. Saiu da cidade levando consigo o cavalo de Jonders. O melhor a fazer era tentar cavalgar à noite também. Usando os dois cavalos, poderia fazer isso e ganhar tempo. Estaria cansado pela manhã, mas poderia, com um pouco de sorte, surpreender os criminosos ainda em Abuquer.

## **IV - Uma Mulher Faladeira**

Destone bebia na taberna de Abuquer, onde Lucomb e Grubock haviam insistido que parassem. Ninguém os perseguia e eles tinham dinheiro. Isso provocava cócegas. Veio fácil, tinha de ir fácil também. Além disso, Abuquer tinha as mais lindas mulheres distribuídas em dois ou três bordéis renomados em todo o leste de Mangul. A famosa Casa de Cirene era o paraíso para os homens com dinheiro para gastar. Era isso que Lucomb e Grubock pretendiam. Quando entraram na taberna, Destone mal pôde reconhecê-los. Havia

feito a barba, cortado os cabelos e comprado roupas novas. Pareciam dois cortesãos.

— Ei, homem, por que não faz o mesmo? Hoje à noite vamos nos esbaldar na Casa de Cirene. São as mulheres mais bonitas de Mangul, Destone. É uma oportunidade única. Quando acha que voltaremos aqui de novo? — argumentou Lucomb.

— Ora, seu caolho, vocês estão gastando todo o seu dinheiro com bobagens...

— E para o que você guarda o seu? — quis saber Grubock.

— Tenho meus motivos. Se quiserem gastar o de vocês, façam bom proveito. E vou partir amanhã cedo antes do nascer do sol. Enquanto as belezas aí se enfeitavam, fui até o rio e acertei o meu transporte. Um barco descera para Cresus logo pela manhã e eu irei nele. Deixei acertado também o transporte para Jonders. Se quiserem ir comigo, acho melhor irem até lá. Não há muitos lugares.

Grubock e Lucomb se entreolharam. Não haviam feito toda aquela maldita viagem para perderem a melhor parte.

Tinham muito dinheiro para gastar.

— Está bem, Destone. Se está com tanta pressa de voltar, pode ir à frente. Eu e Lucomb vamos gastar uma parte do dinheiro com as mulheres de Abuquer. Acho que merecemos isso.

— Como quiserem, guerreiros. Só não gastem tudo. Deixem um pouco para as mulheres de Tandara — recomendou Destone.

— Como estamos? Acha que vamos agradar às mulheres?

— Vocês estão mais cheirosos que cabritos recém-nascidos, guerreiros. Com certeza elas vão adorar vocês, principalmente nessas roupas novas e com esse dinheiro todo no bolso.

Os dois riram e pediram ao taberneiro uma garrafa de vinho.

\* \* \*

O sol, ao se pôr, projetava as sombras das montanhas mais altas, alongando-as pelas encostas verdejantes. Os homens encerravam mais um dia de trabalho.

— Não há dúvidas, Sr. Winkhorn — comentou o mineiro. — O veio principal fica justamente nas terras de seu vizinho.

— Maldição! Eu não esperava por isso

— resmungou.

— Não conseguirá negociar com ele? Talvez consiga lhe comprar as terras, depois da tragédia.

— Eu lhe fiz uma oferta, mas ele recusou de imediato. Esse homem, de tão desesperado que estava, pode ter caído no mundo sem previsão de retornar.

— Veja bem, não existem cercas marcando as divisas. Se deixarmos um bom pedaço de terra para a exploração do veio, poderíamos fazer uma cerca, alterando as divisas das duas propriedades — sugeriu Vacont.

— Talvez devesse me apossar delas.

— Está aí uma ideia excelente! — aprovou Winkhorn. — Se amanhã ou depois aparecer alguém reclamando as terras, elas estão ali. Se antes disso o seu vizinho aparecer... Bem... A solução será negociar com ele ou... — deixou ele no ar, olhando para Vacont.

— Ou Vacont resolve tudo da maneira mais rápida e fácil.

— Vou pensar no assunto. De qualquer forma, podem começar a preparar o início da escavação do túnel. Vamos precisar de gente, mas não quero trabalhadores de



Nagor. Podem dar com a língua nos dentes...

— Trarei gente de Mankul, no oeste — informou Vacont.

\* \* \*

Hakan tentara cavalgar durante toda a noite, mas acabara cedendo ao cansaço e parado para dormir um pouco. Acordou quando o sol nascia, ouvindo as pragas de uma garota. Caminhou um pouco, da margem do rio onde estava, até a trilha. Uma garota toda coberta de poeira chutava a carcaça arquejante de um cavalo.

— O que houve aqui? — indagou ele.

— Este animal inútil... Comprei-o em Abuquer para ir até Beliar e veja o que aconteceu.

Ele se aproximou e examinou o animal. Era um cavalo velho, muito velho, que cedera ao peso da garota e da mala que ela carregava. Possivelmente enfiara uma das patas num buraco, quebrando-a. Seus grandes olhos já embaçados demonstravam todo o seu sofrimento. Hakan sacou sua espada e, antes que a garota entendesse o que estava havendo, ele golpeou a nuca do animal, matando-o instantaneamente. A garota o olhou furiosa, com os olhos

soltando chispas de tanta fúria.

— Eu não acredito que você fez isso...  
Eu simplesmente não acredito — falou ela.

— Seu cavalo era velho e quebrou uma pata. Está vendo aqui? — disse ele, mostrando o local onde o osso formava um ângulo inesperado na pata do animal.

— Maldito vendedor! — berrou ela, sapateando na poeira. — Disse-me que era um bom animal e que me levaria até Beliar.

— Planejava ir até Beliar sozinha, nesse cavalo aí?

— Sim, por que não deveria? Os homens fazem isso, não?

— Mas você estaria correndo um risco enorme...

— Risco? Por quê? — indagou ela, tirando uma adaga de sua sacola de pele. — Acha que não sei me defender?

— Tudo bem, eu não devia mesmo ter me metido — comentou ele, voltando para seu acampamento.

No caminho foi apanhando gravetos e madeira para reacender a fogueira. A garota o seguiu.

— Ei, você tem dois cavalos — observou ela. — Poderia me vender um deles...

— Não. Preciso dos dois.

— Por quê?

— É uma longa história...

— Eu não vou a parte alguma. Por que não a conta enquanto eu o ajudo com a comida?

Hakan a olhou com atenção. Não era uma garota normal para estar ali, no meio do nada, querendo chegar a Beliar a cavalo.

— Vamos, conte-me — insistiu ela, pegando a chaleira e indo lavá-la no rio.

Encheu-a e retornou. Se havia algo que Hakan detestava era uma mulher guerreira e aquela parecia ser uma. Apesar de jovem e bonita, as suas maneiras o incomodavam. Havia muito deixara de conviver com aquele tipo de mulher independente.

— Vamos, fale! — tornou ela.

— Está bem. Se está disposta... — falou ele, contando-lhe sobre o que acontecera a sua família e a pista que seguia.

Quando terminou, a garota o olhava pensativa.

— Você disse que eram quatro homens. Um morreu no caminho e os outros três seguiram em frente, não?

— Bem, eu trabalhava numa taberna

de Abuquer. Sou jogadora, jogo dados. Tive um pequeno problema lá, ontem. Alguém achou que meus dados estavam viciados. Resolveram me expulsar. Foi por isso que tive de comprar aquele cavalo no escuro...

— Certo, certo, certo — cortou-a ele, com impaciência. — O que tem os três a ver com a taberna de Abuquer?

— Bem, acho que eles estão lá agora. Pelo menos estavam até ontem à noite. Sei que dois deles foram passar a noite na Casa de Cirene. O outro ficou na estalagem e, pelo que sei, deve ter partido agora cedo para Cresus, descendo o rio.

— Por que se separaram?

— Não sei, acho que dois deles resolveram se divertir.

— Acha que os dois ainda estão lá?

— Com certeza. Ninguém que eu conheça consegue sair da Casa de Cirene enquanto tiver dinheiro. E eles pareciam ter muito dinheiro para gastar.

Hakan nada disse. Apanhou a sela e foi selar seu cavalo. Derramou a água da chaleira na fogueira e guardou-a.

— Ei, por que a pressa?

— Preciso encontrar esses dois homens — falou ele.

— E o cavalo, posso ficar com ele?

— Sim, leve-o. É seu.

Enquanto ela corria buscar sua mala, Hakan montou seu cavalo e afastou-se a galope. A informação da garota o deixara esperançoso de encontrar dois dos assassinos. Quando chegou à cidade, não foi difícil localizar a Casa de Cirene. Todos dormiam ali ainda. Hakan não bateu na porta da frente. Deu a volta e entrou pelos fundos, indo direto para o refeitório da enorme casa. Ali, diversas garotas com caras sonolentas e vestindo apenas suas roupas de baixo o olharam com interesse.

— Ei, forasteiro, precisa de um banho, de fazer a barba e de roupas novas para entrar aqui — disse uma delas.

— Onde está Cirene?

— Quem quer saber?

— Hakan — respondeu ele.

— Será que ouvi bem? — indagou uma loura.

Beirava os cinquenta anos, vestia-se com esmero e seus traços ainda guardavam muito da beleza de sua juventude.

— Pelas cobras malditas de Baal! — gritou ela.

— Pelas cobras malditas de Baal! —

respondeu ele e a mulher, feliz, atravessou o aposento para abraçá-lo, apesar de toda a poeira que o cobria.

— Há quanto tempo! — exclamou ela.  
— Garotas, este é o homem mais pão-duro e mais gostoso de todo o mundo. Em dez anos que o conheço nunca consegui lhe arrancar um centavo...

— Mas isso não a impediu de desfrutá-lo, não? — observou uma delas.

— O que o traz aqui? Quer um banho? Quer que lhe corte o cabelo? Quer descansar apenas? Vamos, é só dizer. Estou aqui para satisfazer seus desejos...

— Procuo dois homens. Estão aqui desde ontem. Gastam dinheiro como se ele tivesse sido ganho muito fácil...

O rosto dela ficou sério.

— Vamos conversar lá dentro — disse ela, levando-o para outro aposento. — Quem são esses homens e o que fizeram?

— Fazem parte de um grupo de quatro que matou minha mulher, meu filho de três meses e meu cunhado...

— Por Baal! Por quê? — exclamou ela, horrorizada.

— Sinceramente, não sei. Peguei um deles, mas não pôde falar. Esses dois, com

certeza, terão muito a dizer. Prometo ser silencioso, Cirene. Talvez faça um pouco de sujeira, mas isso deverá pagar sua faxineira — falou ele, pondo nas mãos dela o dinheiro que tinha tomado do cadáver de Jonders.

— Tudo isto? — espantou-se ela.

— É que talvez eu faça muita sujeira mesmo — afirmou ele.

Cirene o guiou até o quarto onde estava Lucomb, o caolho. Abriu a porta e mandou a garota que estava com ele sair. O homem estava bêbado ainda, de tão festiva e agitada que fora a sua noite. Quando a garota saiu, Hakan entrou, fechando a porta. Foi abrir as cortinas. Lucomb resmungou, virando-se na cama, protegendo os olhos com o travesseiro. O caçador foi se sentar na beirada da cama. Arrancou o travesseiro, jogando-o para um canto.

— Ei, pela cadela de Baal... — ia dizendo, mas calou-se, cuspiendo pedaços de dentes, quando o punho da espada o atingiu na boca e, antes que ele pudesse reagir, Hakan lhe enfiou a adaga entre os lábios ensanguentados, espetando-lhe o céu da boca.

— Se abrir a boca, é um homem morto

— ameaçou.

Com os olhos refletindo surpresa e terror, Lucomb concordou de imediato, balançando a cabeça.

— Você e mais três outros estiveram em Beliar e agora estão a caminho de Tandara?

— Sim, sim...

— Como é seu nome?

— Lucomb...

— E do garoto que deixaram para trás?

— Jonders?

— Quem está aqui com você?

— Grubock. Destone deve ter partido para Cresus em um barco... Que horas são?

— Hora de morrer.

— Quem é você? — indagou ele, choramingando.

— Você não me conhece, mas conheceu minha mulher, meu filho e meu cunhado — falou Hakan, olhando-o nos olhos.

— Não sei do que está falando... Eu juro... Não fiz nada...

— Por quê? Quem lhes pagou para fazerem aquilo? Responda! — ordenou-lhe.

— Se não me responder, farei a você o mesmo que fizeram a minha mulher e ao



meu filho...

— Ei, Lucomb, que tal estou? — indagou Grubock, entrando naquele momento no quarto, após chutar a porta.

Usava apenas o cinto com a espada e estava nu. Por instantes ficou surpreso e atônito, vendo a faca na garganta de seu amigo. Depois, percebendo a ameaça, tentou sacar sua espada. Hakan não tinha escolha. Com rapidez, arremessou a adaga, que se enterrou até o cabo no peito de Grubock, que recuou, batendo as costas da parede e escorregando para o assoalho.

— Ei, homem... Por que fez isto? — indagou, pateticamente.

Lucomb percebeu que estava encarando a morte. Girou o corpo na cama, tentando alcançar a espada que deixara numa cadeira, não muito longe da cama. Hakan saltou no encalço dele, derrubando-o. Com as forças do desespero, Lucomb o chutou. Com as forças do desejo de vingança, Hakan o afastou da arma.

— Socorro! — gritou, mas não chegou a repetir o apelo.

O punho de Hakan se enterrou em seu estômago, fazendo-o tossir e dobrar-se em dois. No momento seguinte, com violência,

a bota do vingador subiu ao encontro do rosto do outro. O assassino tentou se desviar. A ponta da bota abriu um talho em seu rosto, por onde o sangue escorreu generosamente.

— Maldito! — berrou ele, apanhando uma cadeira e arrebatando-a no corpo de seu agressor.

Possesso, Hakan lhe chutou um dos joelhos, fazendo-o estalar. Lucomb caiu. O salto da bota atingiu-o na testa, fazendo-o girar para trás. Hakan foi arrancar a faca espetada no peito de Grubock que morrera sem mais um gemido. Em seguida, aproximou-se de Lucomb. Este, com o rosto transformado numa máscara de sangue, tentou a última reação, urrando e avançando contra Hakan como um touro bravo. O caçador não arredou pé. Apenas firmou o corpo com o braço ligeiramente à frente. O próprio Lucomb fez a faca se enterrar profundamente em seu ventre. Ficou olhando para os olhos de seu matador, que não refletiam nenhuma emoção.

— Quem os mandou? — indagou Hakan.

— Jamais saberá — murmurou Lucomb, enquanto o sangue escorria de sua

boca.

Furioso, Hakan moveu a faca lateralmente algumas vezes, depois a puxou. Abobalhado, Lucomb ficou olhando para o grande corte em seu ventre, por onde suas tripas começavam a cair. Tentou segurá-las, apertando-as com as mãos. Levantou os olhos atônitos para os olhos frios do guerreiro, que simplesmente lhe virou as costas e saiu. Cirene o esperava do lado de fora com uma toalha molhada para ele se limpar.

— Quando você diz que vai fazer uma sujeita, será mesmo uma grande sujeira. Tudo bem, pode deixar que eu cuido de tudo agora. Farei com que eles sumam como se jamais tivessem existido. Terminou seu trabalho?

— Não. Ainda há um deles, que desceu o rio, rumo a Cresus.

— Deve ter ido agora cedo, no barco de Perand. Ele sempre leva mercadorias para descarregar nos postos à beira do rio, por isso sua viagem é mais lenta. Se você cavalgar rápido, poderá encontrá-lo em Sanira, onde passará a noite.

— Obrigado, Cirene! — agradeceu ele. Deixou a casa e foi apanhar seu cavalo.

Era um bom animal, mas já estava muito cansado. Hakan, no entanto, não tinha muita escolha. Precisava ir ao encalço do último homem. Talvez este lhe informasse porque tudo aquilo tivera de acontecer. Ia ser uma longa jornada, sem descanso, rio abaixo. Estava no limite de suas forças também, mas o desejo de vingança o animava ainda. Esporeou seu animal, seguindo a trilha que margeava o rio. À medida que avançava, ia indagando sobre o barco de Perand. Teve de reduzir a marcha nas últimas milhas. Anotecera e seu cavalo estava muito cansado. Ele também. Após todo o esforço daquele dia, sentia-se no limite. Viu, ao longe, as luzes da cidade. Tocheiros ardiam nas ruas, iluminando-as precariamente. O céu limpo, com estrelas, facilitou o resto da jornada. Quando entrava em Sanira, a lua surgia no céu, enorme, jogando uma claridade quase irreal na paisagem. Quando avançou pela rua, as pessoas o olhavam como a um fantasma. Achou que devia estar horrível, com o cansaço estampado em seu rosto.

Desmontou e puxou seu cavalo pelas rédeas na direção da taberna. Amarrou-o junto ao bebedouro. Tirou a capa e o gorro

de pele e mergulhou a cabeça na água dos animais. Ficou ali por algum tempo, tentando se manter acordado para poder pôr as ideias no lugar e decidir o que fazer e por onde começar.

Enfiou a cabeça mais uma vez no bebedouro. Quando a levantou, viu o prédio da taberna. Quando entrou, havia uma garota conversando com um guerreiro no fim do balcão. Um velho tomava vinho e outro, numa das mesas ao fundo, bebia sozinho.

— Perand está aqui! — indagou ao taberneiro, que apontou a mesa onde o velho bebia vinho e Hakan foi até lá. — Procuo um amigo. O nome é Destone — disse.

— Quem quer saber? — indagou o homem que bebia sozinho.

Hakan reagiu como uma fera no bote. Atirou-se sobre o mercenário e vibrou o punho de sua espada, batendo-a com força na testa de Destone, que gemeu, surpreso, antes de se estatelar no piso tosco. Mal teve tempo de compreender o que acontecia e Hakan já lhe chutava a mão que segurava a espada.

— Meu pulso... Você quebrou meu

pulso... — gemeu Destone.

— Não será a primeira nem a última coisa que quebrarei em você, maldito bastardo — vociferou Hakan, chutando-lhe algumas vezes as costelas, sentindo os ossos se quebrarem.

O assassino gemia e rolava no chão, tentando fugir aos golpes. Havia perdido a arma e estava totalmente indefeso contra aquele homem que o atacava como o pior castigo do Ceol, sem lhe dar nenhuma trégua. Hakan só parou quando percebeu que seu oponente estava subjugado totalmente. Então respirou fundo. O caçador se sentou ao lado da caça, extenuado. Estava ali o último dos malditos e o último a lhe dar as respostas de que precisava. Queria entender tanto ódio. Queria saber por que sua esposa e seu filho tiveram que morrer de forma tão cruel e desumana. Destone gemeu e começou a se mover, rastejando.

— Você é Destone? Sou Hakan. Você matou minha mulher, meu filho e meu cunhado... Filho da mãe... Maldito! — berrou Hakan, chutando a cabeça do outro.

— Por favor... Pela memória de sua esposa e de seu filho... — suplicou Destone.

Hakan se abaixou sobre ele, pôs o joelho em seu peito e esmurrou-lhe o rosto até seus punhos sangrarem.

— Não use o nome de minha mulher e de meu filho depois do que fizeram com eles! — gritou Hakan.

— Por favor! Por Baal! Por Belisama!

— Você é um homem morto, Destone. Faça suas orações. Antes de o sol nascer, você estará no Ceol.

— Não, poupe-me! Você precisa compreender!

— Não há perdão para o seu crime. Se lhe resta ainda algum resquício de dignidade, diga-me o nome de quem o contratou. Eu preciso entender porque fizeram isso comigo.

Hakan se ergueu, respirando fundo. Precisava se controlar. A informação que precisava estava com aquele homem. Tinha de saber por que sua mulher e seu filho morreram estupidamente.

— Está certo — disse, afinal. — Foi Vacont, o mercenário.

Por momentos Hakan ficou sem entender. Não tinha sentido nenhum o que aquele homem estava falando.

— Fala de um guerreiro mercenário?

— Sim, ele mesmo. Aqui, na minha bolsa, há uma carta dele, chamando-nos para ir a Nagor...

Hakan se inclinou sobre ele e tateou a bolsa, até encontrar o pergaminho. Destone, no entanto, havia sacado a faca que trazia na bota. Enquanto Hakan retirava o envelope do bolso do homem caído, este brandiu a faca, enfiando-a no lado esquerdo do corpo do caçador, entre as costelas.

— Pelas cobras malditas de Baal! — gemeu Hakan, sentindo a dor insuportável lhe nublar os olhos.

Viu os olhos brilhantes de Destone, refletindo o brilho das chamas das velas. Viu-os se encherem de pavor, quando lhe enfiou na boca aberta a ponta de sua adaga, empurrando com força. A boca do guerreiro mercenário retorceu-se estranhamente. Quando ele se imobilizou, Hakan se imobilizou com ele.

## **V – Pelas cobras malditas de Baal**



Aquela não seria a primeira nem a última cicatriz no corpo de Hakan, só que a lâmina penetrara profundamente, perfurando seu pulmão. Respirar era um tormento. O sangue fluiu dias a fio, a cada vez que ele respirava. A febre foi altíssima. Qualquer outra pessoa teria desistido. Menos Selma, conhecida ao sul do Rio Lion como a Sacerdotisa de Baal, a guerreira mais matreira e trapaceira que se conheceu. Sua teimosia era tão grande quanto a de Hakan, que resistia e não queria morrer. Ela também achava que ele não morreria e usou todos os seus recursos para que isso não acontecesse. Quando, finalmente, o encontrou em Sanira, após seguir sua pista desde Abuquer, julgou que tinha perdido aquela parada. Hakan estava atirado num catre, entre a vida e a morte. Não havia um curandeiro na cidade.

Ela saiu pelos campos e recolheu as ervas certas. Mascou-as e cuspiu a massa esverdeada num lenço, depois o aplicou sobre o ferimento. Deixou ali algum tempo, enquanto aquecia uma lâmina no fogo. Quando chegou o momento, retirou o lenço e as ervas, apanhou a lâmina e encostou-a no buraco ferido. O cheiro de carne

queimada misturou-se o das ervas. Amarrou uma atadura bem justa sobre o ferimento e ficou ao lado dele.

Ela permaneceu ali noite e dia, enquanto ele lutava contra a morte. Olhando-o inerte no catre, com o tronco coberto de cicatrizes, Selma tinha certeza de que ele sobreviveria. Por dias a fio tratou dele como se tratasse de uma criança incapaz para tudo. Limpava-o e empurrava-lhe goela abaixo um caldo de galinha reforçado, água, leite e uma mistura de ervas, limão, alho e cebola que lhe ensinaram em suas batalhas. Hakan não cheirava bem após uma semana, mas estava livre da morte. Quando abriu os olhos, viu o rosto aliviado daquela mulher que encontrara na estrada, ao lado de um cavalo agonizante. Naquele breve momento, pareceu-lhe que o tempo não havia passado e que ele acabava de acordar naquele dia, algum tempo atrás.

— Não foi embora ainda? — perguntou ele.

— Não, eu tinha que cuidar de você — respondeu ela, debruçando a cabeça no peito dele e começando a chorar.

A tensão e a expectativa dos últimos

dias chegavam ao fim para ela. Finalmente ele estava bem. Demorou alguns dias até que ele percebesse o que se passara e pudesse se levantar e dar seus primeiros passos. Selma se mantinha ao lado dele sem saber exatamente porque fazia aquilo. Sempre fora independente, mas se sentira bem naqueles dias em que vira que ele dependia dela. Quando sentiu que poderia cavalgar novamente, conversaram.

— Não tenho como lhe agradecer, Selma, pelo que me fez, mas tenho que partir. Tenho uma missão a concluir em Nagor. Você me salvou a vida, não posso lhe pedir nada. Pelo contrário, acho que devo algo a você. Se algo me acontecer, as terras nas encostas são suas. Vá e ocupe-as. Vou lhe dar o mapa de minha propriedade.

— De forma alguma. Ou estamos nisso juntos ou nada feito — falou ela furiosa.

Ele começou a rir. Sabia agora porque não gostava de mulheres teimosas e independentes.

— Diga-me exatamente o que pretende fazer, quando chegar a Nagor — pediu ela.

— Vou procurar Vacont. Quero saber por que ele mandou matar minha família...

— Você não o conhecia? Procure se

lembrar. Deve ter feito alguma coisa para ele odiá-lo tanto assim...

— Não sei, Selma. Acho que só o saberei quando estiver cara a cara com ele. Eu sempre notei que ele me olhava de um modo agressivo. Maldito!

— Quando quer partir?

— Amanhã mesmo.

\* \* \*

Naquele dia, Vacont estava na taberna, juntamente com os homens que vinham ajudando a cavar o túnel nas terras que Winkhorn se apossara de seu vizinho. Embora o vinho fosse do melhor e as mulheres as mais bonitas da taberna, tinha motivos para estar intranquilo. Primeiro foi o corpo de Jonders, encontrado por alguém no caminho. Um guerreiro havia contado a história. Pela descrição do morto, só poderia ser um dos amigos de Destone. Depois foi alguém contando que estivera na Casa de Cirene, em Abuquer, e vira as mulheres levando dois corpos para serem enterrados nos fundos da casa. Finalmente, foi aquele comentário do duelo em Sanira. Vacont juntou um mais um e chegou a uma conclusão. Hakan não era tão inofensivo quanto parecia. Quando descobriu o

massacre feito em seu castelo, saíra para caçar os matadores, pegando um por um. Só não entendia como um senhor de terras simplório podia ter matado Destone e seus amigos.

— Está muito sério hoje, Vacont — comentou uma das garotas, sentando-se no colo dele.

— Impressão sua, Ruh. Só estou preocupado em como vou gastar todo o dinheiro que devo ganhar...

— Por que não me convida para ajudá-lo?

— Sim, acho que farei isso — disse ele.

Naquele momento, a porta da taberna se abriu para dar passagem a um desconhecido, sobressaltando-o. Estava assim nos últimos dias. Cada cavaleiro que se aproximava dele era um inimigo.

— Por que não subimos até o meu quarto? Hoje é lua cheia e você deve estar precisando relaxar. Deixe que eu cuide de você nesta noite — falou ela, com voz convincente, não admitindo recusa.

— Está bem. Acho que estou mesmo precisando disso — afirmou ele, deixando-se levar por ela.

Ruh o arrastou escada acima, sumindo com ele pelo corredor. Naquele momento, na porta da taberna, Hakan o apontava para Selma reconhecê-lo.

— Aquele era Vacont.

— Pois eu o conheço, Hakan. Ele trabalhava com um guerreiro chamado Winkhorn em Tandara, pilhando gado.

— Tem certeza disso? Winkhorn sempre me pareceu honesto.

— Se for o mesmo sujeito, saiba que ele tinha uma fascinação estranha por ouro. Dizia que Mangul estava assentado sobre o veio de ouro mais rico do mundo.

— Pelas cobras malditas de Baal! — praguejou Hakan. — Você está falando do bastardo do Winkhorn mesmo. Não entendo...

Enquanto os dois conversavam, Rordway, um dos operários que trabalhava nas explorações, reconheceu Hakan. Disfarçadamente subiu a escada e, avançando pelo corredor, foi bater na porta do quarto de Ruh.

— Que diabos é isso... — ia dizendo Vacont, quando deu de cara com Rordway. — O que está havendo?

— Aquele senhor de terras, eu o vi lá

embaixo, junto à porta.

Vacont hesitou por instantes, depois deixou o quarto e foi para a porta dos fundos do pavimento superior. Desceu a escada até o beco, depois avançou por ele cuidadosamente, até poder ter uma visão da porta de entrada da taberna. Ali, com uma mulher desconhecida, mais magro e barbado, estava o senhor de terras.

— Maldição! — praguejou ele, escondendo-se.

Não tinha dúvidas, era Hakan. Mas o que estaria fazendo ali? Por onde andara? Teria sido ele quem liquidara Destone e seus amigos? Fosse como fosse, não se sentiu seguro. As duas adagas que levava nos quadris eram efetivas contra adversários que ele conhecia. Aquele senhor de terras, no entanto, o surpreendia. Desde quando o desafiara a provar sua habilidade, Vacont se intimidara com aquele homem. Havia algo nos olhos de Hakan. Seu olhar não era de um senhor de terras comum ou de um homem pacato. Seu olhar era o de um matador.

Voltou pelo beco. Pediu a Ruh que chamasse Rordway e mais alguns dos homens que jogavam o jogo dos ossos na

taberna. Pretendia pôr todos contra Hakan. Selma, no entanto, percebeu aquela estranha movimentação de homens sozinhos subindo a escada para o andar superior.

— Hakan, a menos que esteja acontecendo uma grande festa lá em cima, não vejo razão para tantos homens sozinhos subirem lá — observou ela.

Ele atentou para esse detalhe. Selma tinha razão.

— Vou descobrir o que está havendo — disse ela.

Antes que ele pudesse detê-la, Selma entrou na taberna, caminhando à vontade por entre as mesas. Logo alguém reconheceu a Sacerdotisa de Baal, saudando-a, cercando-a, girando ao seu redor. Hakan não quis deixar todo o trabalho para ela, por isso contornou a taberna, entrando pelo mesmo beco onde Vacont o observara minutos antes. Subiu lentamente a escada, até o pavimento superior, parando diante da porta e tentando ouvir alguma movimentação lá dentro. Só então a abriu, entrando. Viu o grupo de homens no fim do corredor, descendo para o salão. Vacont estava entre eles. Assim que eles desceram, foi até lá, observando-os



atentamente. Selma estava lá embaixo, às voltas com inúmeros conhecidos.

— Pelas cobras malditas de Baal! — murmurou Hakan, percebendo que os homens, juntamente com o guerreiro mercenário, saíam para a rua a sua procura, retornando em seguida.

— Ela estava com ele — apontou Vacont, na direção de Selma. — Agarrem-na!

Dois homens se apressaram em segurar a guerreira, levando-a para fora sob os protestos dos que a conheciam.

— Onde está ele? — indagou Vacont, quando a levaram para o beco.

— De quem está falando? — retrucou ela, ignorando a pergunta que ele fizera.

O guerreiro mercenário demonstrou logo sua impaciência, esbofeteando-a com violência, fazendo-a cuspir sangue.

— Seu bastardo nojento! — vociferou ela.

— Onde está aquele maldito? — insistiu Vacont.

— Procurando por mim? — indagou Hakan, surgindo no beco com a espada pronta para a ação.

Vacont e os outros ficaram imóveis,

olhando aquele homem decidido que os encarava. Selma se livrou dos braços que a prendiam e correu para junto do caçador.

— Olá, senhor de terras! — disse Vacont, adiantando-se e medindo seu oponente. — Pensamos que tivesse morrido...

— Bem que tentaram. Por que está a minha procura?

— Deve haver algum engano... Procurávamos um homem que trabalhava para nós e roubou dinheiro dos outros... Pensamos tê-lo visto na companhia dessa garota...

— Enganaram-se, no entanto. Ela está comigo. Quanto a você, alguns amigos seus mandaram lembranças.

— Amigos? Lembranças? — balbuciou Vacont intimidado.

Aquele olhar do senhor de terras o perturbava. Eram olhos de um matador, sentia isso.

— Sim. Jonders, Lucomb, Grubock e Destone.

— Não conheço nenhum deles — gaguejou Vacont.

— Pois eles o conheciam muito bem. Pena que estejam mortos, assim como você

estará em breve.

— Do que está falando, afinal? — vacilou o bandido, sem coragem para enfrentá-lo.

Por momentos fez-se um silêncio total. No momento seguinte, os cinco homens que acompanhavam Vacont avançaram. Quando perceberam o que acontecia, a Espada Feiticeira cintilou no ar, varando corpos, perfurando-os, seccionando membros, arrebatando ossos, espargindo sangue nas paredes do beco. Selma também brandiu sua espada com igual ferocidade. Os homens foram abatidos, amontoando-se grotescamente.

— Vacont não está entre eles — observou Hakan.

— Maldito! Aproveitou-se da confusão para fugir.

— Tenho que ir atrás daquele guerreiro mercenário — falou Hakan, tendo terminado de limpar sua espada.

\* \* \*

Vacont preferiu enfrentar a escuridão e as perigosas encostas para retornar imediatamente à montanha. A volta do senhor de terras confirmava suas suspeitas. Além de não terem feito um trabalho

completo, Destone e seus amigos acabaram mortos. Descobria, finalmente, que não estava lidando com um homem comum. Hakan poderia ter uma aparência inofensiva, mas, no fundo, era um lobo, um abutre, um urso perigoso e mortal. Teria de enfrentá-lo, não restava a menor dúvida. Quando o senhor de terras visse as cercas invadindo sua propriedade e a mina de ouro instalada em suas terras, na certa protestaria. Winkhorn perderia tudo que investira na extração do ouro. Eram sócios havia muito tempo. Juntos logo estariam ricos. Não podia perder tudo agora. Quando chegou, de madrugada, tratou de acordar seu patrão e contar-lhe o que acontecera na cidade.

— Diabos, Vacont! Pensei que ele estivesse morto.

— Pensei a mesma coisa, só que ele é mais perigoso do que nós imaginávamos.

— Com certeza virá para cá amanhã cedo. Verá a cerca, a mina. Temos de impedi-lo.

— Pensei em algo no caminho. Podemos esperá-lo amanhã na garganta, preparando as encostas para desabar. Quando ele passar, provocaremos uma

grande avalanche.

— Faça isso, Vacont. Acabe com ele de uma vez por todas.

O guerreiro mercenário tratou de providenciar tudo naquele mesmo momento. Em breve o sol surgiria. Com certeza o senhor de terras partiria da cidade logo ao amanhecer. Em breve chegaria à garganta.

Levou os homens e ordenou que preparassem a encosta, liberando o caminho para as grandes pedras que seriam empurradas. O dia amanhecia, quando chegaram à garganta e começaram o trabalho. Quando terminaram, ordenou aos homens que ficassem a postos e ocultos.

Vacont estava cansado pela noite atribulada. Sentou-se na sombra de uma pedra e esperou. Cochilou algumas vezes até acabar adormecendo. Acordou com o barulho de cascos de cavalos ecoando pelas paredes da garganta. Rapidamente deu o sinal para os homens e correu na direção do cavalo, que deixara oculto. Montou-o e saiu a galope. Naquele momento, no meio da garganta, Hakan ouviu o cavalo em disparada.

— Ouviu isso? — indagou.

— Sim, um cavalo. Hakan olhe aquilo!  
— falou ela, apontando para os homens que se espalhavam no alto das encostas.

Os olhos do caçador observaram as paredes da garganta. Pôde ver os buracos recém-cavados sobre as grandes rochas e os homens carregando alavancas.

— Avalanche! — gritou ele, batendo com força na anca do cavalo montado por Selma, que saiu em disparada.

Ele esporeou seu animal, forçando-o ao máximo, tratando de sair dali o mais depressa possível. As avalanches ocorreram numa sequência aterrorizante, jogando pedras contra a parede oposta, levantando uma nuvem de poeira.

— Pelas cobras malditas de Baal! — berrava Hakan, ferindo os flancos de seu animal, até se ver fora da garganta com Selma.

— Por Baal! Que hospitalidade a desta terra — reclamou ela.

Em resposta a sua reclamação, uma flecha assobiou junto de sua cabeça e foi ricochetear numa pedra, num zumbindo macabro. Hakan saltou sobre a garota, derrubando-a da sela e levando-a para a proteção de uma rocha.

— Maldição! Alguém nos quer morto mesmo.

— Sim, alguém deseja muito isso — confirmou ele, ouvindo de novo o tropel de um cavalo ao longe.

Saiu de seu esconderijo e subiu na rocha. O arqueiro já ia longe, deixando uma nuvem de poeira marcando sua passagem.

— Quem acha que foi? — indagou Selma, espanando as roupas cheias de poeira.

— Com certeza foi Vacont. Por que o maldito quer me matar?

— Isso só saberemos quando o encontrarmos.

— Espero que isso não demore muito. Já estou começando a ficar impaciente.

Apanharam seus cavalos e seguiram na direção do castelo, tomando cuidado redobrado. Vacont foi direto para a mina. Quando chegou, Winkhorn o aguardava preocupado.

— E então? — indagou, ansioso.

— Nada feito. Escaparam, não sei como...

— Diabos, Vacont! Não temos escolha mesmo. Ele e a mulher que o acompanha terão de morrer. Vá até a cidade e pegue

alguns guerreiros. Pague-lhes o que for preciso e vá até o castelo e o mate. Faça o que for preciso, mas acabe com ele ou tudo que fizemos até agora estará perdido.

— Não se preocupe. De qualquer maneira, ele está vindo direto para a boca do lobo. Nós o pegaremos de um jeito ou de outro, eu prometo — afirmou o mercenário.

Pouco mais tarde, deixava a cidade com um grupo de meia dúzia de guerreiros armados até os dentes. Rumaram para o castelo de Hakan. Lá, ele e Selma haviam acabado de chegar. Antes de mais nada, ele foi até os túmulos de seus entes queridos e fez uma prece silenciosa. Os assassinos estavam mortos. Não era um consolo, não os traria de volta, mas lhe dava a certeza de que ninguém mais sofreria por causa daqueles bastardos assassinos. Selma esperou que ele rendesse suas homenagens à família. Enquanto isso, foi examinar o castelo. O lugar estava uma bagunça. Ainda havia manchas de sangue nos móveis e no assoalho.

— Selma, querida, sei que não gosta disso, mas terá de fazê-lo — comentou ela consigo mesma, olhando ao redor.

Encontrou uma vassoura e um balde.



Apanhou os panos manchados de sangue e o berço, levando-os para fora e ateando-lhes fogo. Depois foi até o poço, apanhou água e, quando voltava, percebeu os cavaleiros que se aproximavam.

— Hakan! — gritou ela.

O caçador se voltou e olhou na direção apontada por ela.

— Temos visitas! — informou ela.

Hakan sabia que tipo de visita seria aquele. Correu até seu cavalo e apanhou seu arco e flechas, levando-os para dentro da casa.

— Sabe usar um desses? — indagou, entregando um arco que tinha na sala.

— Posso tentar — disse ela, manejando a arma com familiaridade.

Hakan lhe deu algumas flechas, depois foi até uma janela espiar os homens que se aproximavam. Eles formavam um leque agora, avançando com a visível intenção de cercar a casa. A fumaça do berço que ardia logo à frente incomodou-o. Aquilo poderia ser uma péssima sugestão.

— São sete — contou ele. — Vão nos cercar. E aquele abutre está entre eles.

— Vamos ficar e nos defender?

— Você fica aqui e atrai a atenção

deles. Vou impedir que eles nos cerquem — falou ele, indo para os fundos.

Selma foi em seu encalço.

— O que vai fazer?

— Vou sair pela janela. Vá lá na frente e comece a disparar contra eles.

Selma o obedeceu. Enquanto ele saltava pela janela, ela foi para o seu posto. Distendeu a corda do arco e mirou cuidadosamente. Quando enquadrou um dos cavaleiros em sua mira, soltou a corda. Através da fumaça lá fora ela viu o cavaleiro ser atirado fora de seu animal, com um grito de dor. Imediatamente os atacantes começaram a disparar suas bestas e arcos contra a janela. Selma se abaixou, enquanto a saraivada de flechas continuava.

Lá fora, Hakan havia se afastado o suficiente para ter uma boa visão do ataque. Os homens foram tomando suas posições e desmontando. Um deles foi em sua direção, sem vê-lo. Hakan esperou até que ele estivesse perto. Então, surgindo inesperadamente diante do cavaleiro, bateu com a lâmina da espada na perna do cavalo, fazendo-o cair e jogar o homem que o montava no chão. Antes que o atacante tivesse condições de entender o que estava

acontecendo, Hakan caiu sobre ele, degolando-o.

Contou o número de arqueiros que disparavam agora contra a janela. Eram quatro. Selma acertara mais um, concluiu ele.

— Pelas cobras malditas de Baal! — berrou, quando o cavaleiro surgiu praticamente sobre ele, atropelando-o e pisoteando-o.

Ele rolou na relva. O cavaleiro vira quando ele atacara seu amigo e viera em seu socorro. Hakan, ignorando as dores em seu corpo, só se preocupava com aquela besta apontada para ele.

Hakan rolou desesperadamente, tentando fugir às patas do cavalo e à besta que era apontada contra ele. Não teve escolha, então. Golpeou as patas dianteiras do cavalo com sua espada, decepando-as. O animal foi ao chão e o homem sobre ele rolou. Suas armas voaram longe e ele ficou gemendo, olhando a perna quebrada e o osso que furara o tecido da calça.

— Minha perna... Minha perna... — repetia, sem entender o que aquele osso estava fazendo fora de seu lugar normal.

Hakan ergueu a espada e sacrificou o

cavalo com um golpe potente. Depois, mancando, aproximou-se do homem caído, que levantou para ele seus olhos suplicantes.

— Ajude-me! — pediu ele, pateticamente.

— Jamais deixo um animal sofrer — disse Hakan, erguendo lentamente a espada, ante de abatê-la sobre a cabeça do outro, abrindo-a e fazendo voar dela uma massa sanguinolenta e disforme.

Não havia piedade alguma ou remorso nos olhos do matador. Ele correu, então, para um ponto privilegiado. Viu que Vacont disparava seu arco contra a janela.

— Pelas cobras malditas de Baal! — praguejou ele, observando também a posição dos outros atiradores.

Contou quatro. Selma continuava disparando, mas já não podia mirar com calma. Ele correu, então, até onde estavam os homens que ele havia acabado de matar e apanhou um arco e flechas. De volta ao seu posto, apontou com calma para o atacante mais próximo. Quando soltou a corda, viu o gorro de pele voar da cabeça do homem, enquanto ele caía para o lado com a cabeça traspassada.

— Três! — murmurou ele.

As flechas começaram a assobiar sobre sua cabeça. Havia revelado sua posição. Ele se escondeu. Selma se aproveitou da distração dos homens lá fora e pôde mirar atentamente contra um deles, atingindo-o.

— Dois — comentou Hakan, agradecendo a pontaria de Selma.

O último dos guerreiros que acompanhavam Vacont parou de atirar e se abaixou. Apavorou-o o fato de que todos os seus amigos estavam mortos. Se ficasse ali, teria o mesmo destino. Em pânico, correu apanhar seu cavalo.

— Volte aqui, seu covarde! — gritou-lhe Vacont.

O homem não lhe deu resposta. Esporeou seu cavalo e tentou se afastar dali o mais depressa possível.

— Seu bastardo! — berrou Vacont, fora de si, apontando seu arco e disparando a flecha certaíra.

Com um grito, o homem tombou para frente na sela, depois foi pendendo para o lado até cair. Seu pé ficou preso ao estribo e seu corpo foi arrastado pelo animal em disparada.

— Agora eu o pego — murmurou

Selma, enquadrando Vacont em sua mira e soltando a corda do arco.

O guerreiro mercenário gemeu, erguendo os braços e deixando cair o arco. Tombou para trás, amaldiçoando a pontaria da garota. Ao vê-lo atingido, Hakan se precipitou de onde estava, correndo até o guerreiro mercenário, que tentava rastejar na direção de seu cavalo. Quando o alcançou, o senhor de terras lhe chutou as costelas repetidas vezes, fazendo-o gemer e rolar na relva. Selma saiu da cabana, enquanto Hakan desarmava Vacont e o obrigava a se sentar. A flecha que Selma disparara contra ele havia atingido o lado direito de seu peito e aberto um rombo enorme por onde o sangue fluía continuamente.

— Estou morrendo, homem — falou Vacont, olhando os olhos frios de seu oponente.

— Que se dane você, maldito! Que o Ceol o receba bem e que Eron tenha um bom lugar reservado para você...

Vacont continuava olhando aqueles olhos frios e sem emoção.

— Quem é você, afinal? — indagou o guerreiro mercenário. — Não é um senhor

de terras comum...

— Agora sou um senhor de terras, mas, antes disso, eu era conhecido como um guerreiro. Sou Hakan, filho de Fryon. E você devia saber disso. Por que mandou aqueles homens matarem minha família?

Vacont tossiu, sentindo fortes dores nas costelas quebradas a pontapés. O sangue não cessava de escorrer de seu ferimento. Selma se aproximou dos dois.

— Não foi nada pessoal. Você devia estar lá, naquela noite para ser morto junto com todos... Teve sorte, maldição!

— Por quê?

— Por causa da mina de ouro. O veio conduzia na direção de suas terras. Sabíamos disso desde o princípio. Você não queria vender. Criar cavalos! Que idiota! Há ouro em suas terras, sabia?

— E que interesse tinha você em...

— Será que não percebeu ainda que não estou sozinho nisso? Foi Winkhorn quem determinou a morte de vocês todos. Ele queria ficar com as terras e as teria. Naquela manhã, quando ele foi até sua cabana e encontrou você vivo, ele estava indo apenas para se certificar de que poderia usar as suas terras para explorar a ouro.

— Não acredito nisso. Ajudei Winkhorn a se instalar aqui. Minha esposa e a dele eram amigas.

— Ela nada sabe do plano. Se for até a divisa das terras, vai descobrir que foi feita uma cerca, avançando sobre o seu lote. Ali foi aberta a mina. Já está produzindo, inclusive... Você pode ficar rico... O que vai ser irônico... — gemeu Vacont, começando a rir.

— O que vai fazer com ele? — indagou Selma.

— Sangrando assim, não vai durar muito.

— Ei, senhor de terras! Se um animal está sofrendo, você o sacrifica, não? Não me deixe sangrar até morrer. Mate-me! — suplicou o guerreiro mercenário.

Hakan encarou-o com frieza.

— Nem todo o sofrimento do mundo e o que certamente encontrará no Ceol será suficiente para fazê-lo pagar pelo que fez, bastardo! — falou ele, virando-lhe as costas.

Vacont encolheu uma das pernas, retirando dali uma adaga. Com dificuldade ergueu-a, prestes a arremessá-la nas costas do senhor de terras. Selma, no entanto,



percebera o movimento. Com rapidez ela levantou o arco, disparando a flecha. O tronco de Vacont foi jogado para trás pela flecha cravada em sua testa. Estrebuchou por instantes, depois ficou imóvel. Hakan o olhou sem nenhuma piedade.

— Você é muito boa com seus brinquedinhos — elogiou ele.

— E agora, Hakan? O que vai fazer?

— Tenho que terminar um trabalho, Selma. Por que não fica e continua o que estava fazendo, como pretendia?

— Hakan, não sou mulher de ficar em casa, enquanto meu homem anda por aí. Principalmente nesta terra esquisita, onde todos são doidos para vê-lo morto. Aonde você for, eu vou.

— E quem lhe disse que sou seu homem?

— Já se esqueceu que sou Selma, a Sacerdotisa de Baal?

— Está bem, já vi que não se pode discutir com você... — concordou ele.

Apanharam os cavalos e partiram imediatamente. Hakan queria terminar aquele assunto o mais depressa possível. Para ele fora um choque saber que Winkhorn havia mandado matar sua

família. Mas, enquanto cavalgava, pensou que Vacont poderia ter inventado aquilo também, só para incriminar o patrão. Quando se encontrasse com Winkhorn, no entanto, saberia. Bastaria olhar nos olhos do outro e teria a certeza. Algum tempo depois, avistaram a cerca, separando as duas propriedades.

— Aquele bastardo falava a verdade — comentou ele. — Veja a cerca. Avança sobre as minhas terras. Maldito Winkhorn!

— O que vai fazer se houver mesmo ouro em suas terras, Hakan? — indagou ela.

— Dane-se a ouro! Não o quero, já que foi a causa da morte de minha família. Quero criar meu gado e meus cavalos, só isso e nada mais.

— Há um espaço nisso para mim?

Ele a olhou com surpresa. Era cedo demais para pensar em outra mulher em sua vida, mas Selma parecia determinada a ficar.

— Habituei-me a tê-la ao meu lado, Selma. Se quiser ficar, não vou me opor. Ainda há muita dor e muita mágoa em mim, não posso lhe prometer nada...

Ela sorriu, como se as palavras dele não tivessem o menor significado.

— Não é irônico? A Sacerdotisa de Baal e Hakan, filho de Fryon, aposentados e juntos, criando cavalos, gado e...

— Crianças?

— Diabos, por que não? Sou nova, posso ter uma porção.

Pela primeira vez em muitos dias, então, Hakan sorriu. Selma descobrira um espaço no coração dele e o ocupara sem pedir permissão. Ela continuou sorrindo e, naquele momento, não era a feroz guerrilha cuja fama a precedia. Era apenas uma mulher encontrando seu homem.

Cavalgaram em silêncio depois disso e não tinham cavalgado muito, quando surgiu diante deles a depressão cavada e o buraco de entrada da mina. Diante dela estava Winkhorn, que estremeceu ao vê-lo chegar. Hakan esporeou seu cavalo até ficar frente a frente com seu vizinho, olhando-o nos olhos. Winkhorn abaixou a cabeça intimidado. Seu corpo tremia incontrolavelmente.

— Diga que não é verdade, Winkhorn! Diga que não participou dessa crueldade inútil! — gritou Hakan, alucinado.

Estava ali, diante dele, trêmulo e indefeso, o homem que provocara toda a

tragédia que se abatera sobre a vida dele. Saltou do cavalo e esbofeteou-o, ansioso para que Winkhorn reagisse e desse-lhe o motivo que precisava para matá-lo. Winkhorn nem portava uma arma. Foi recuando, na direção da entrada da mina, até se virar e correr de uma vez para dentro da boca escura. Hakan pensou por instantes, depois apanhou uma pesada alavanca e caminhou a até a entrada da mina. Avançou alguns passos e forçou uma das escoras, desestabilizando-as. O túnel estremeceu. Um ruído impressionante percorreu a galeria, elevando-se, enquanto, numa reação em cadeia, as escoras foram cedendo e tombando, fazendo o teto e as paredes desmoronarem.

— Volte! — ordenou Selma, galopando velozmente, passando em frente à boca da mina.

Hakan agarrou-se à sela e, firmando os pés no chão, impulsionou o corpo para cima, caindo na garupa do cavalo. A força do desmoronamento provocou um violento deslocamento de ar, jogando-os com o cavalo para frente, derrubando-os e fazendo-os rolar na poeira, enquanto pedaços de pedra choviam sobre eles.

Hakan se deitou sobre ela, protegendo-a. Quando a poeira começou a se assentar, os dois se levantaram, espanando-se e tossindo.

— Devo-lhe a vida de novo — falou ele.

— E Winkhorn?

— Ficou lá dentro, deve ter morrido com a avalanche.

— O que vai dizer à família dele?

— Que houve um acidente. Aliás, vou deixar que eles mesmos descubram isso. Não acho que desejarão reabrir a mina. O tempo se encarregará de curar as feridas feitas na terra.

— E nos homens também — murmurou ela, abraçando-o.

— No fim de tudo, será apenas mais uma cicatriz — comentou ele, sentindo-se cansado.

Queria dormir por muito tempo. Depois, pouco a pouco, com a ajuda de Selma, reconstruir sua vida.

\* \* \*

Hakan terminou de comer o último pedaço do coelho, depois limpou as mãos e os lábios na pele que o cobria. Olhou o céu. As estrelas pareciam imitar o brilho dos

olhos de Selma. A natureza ao seu redor parecia querer cobrir o perfume de sua amada, inutilmente. Nada podia afastar Selma de seus sentidos.

Atirou mais alguns pedaços de madeira na fogueira, depois deixou o arco e as flechas ao alcance de suas mãos. Os asseclas de Mandakuse poderiam estar por perto, embora não lhes sentisse o cheiro das armaduras de couro. Tinha que ter paciência e resgatar Selma. Pouco importava se, na sua corte, os nobres disputavam o poder e o trono. Tudo se resolveria a seu tempo. Urgia, agora, encontrar sua sacerdotisa. Retirou a Espada Feiticeira da bainha e amolou a lâmina, esfregando nela uma pedra especial, com movimentos lentos e repetitivos, produzindo um som lúgubre que se espalhou pela noite. Pensou em Mandakuse, em como se arrependia de não tê-lo matado um dia...

Mas essa era uma outra história.

**FIM**

## **L P Baçan**

### **O Mago das Letras**

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberneo

Judeo-Maçónico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".

- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000,



Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.

- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.
- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não è Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca.

Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.

2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.

2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalo, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.

1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações,

intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.

Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, Tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

**[www.acasomagodasletras.n](http://www.acasomagodasletras.net)**

**[et](http://www.acasomagodasletras.net)**